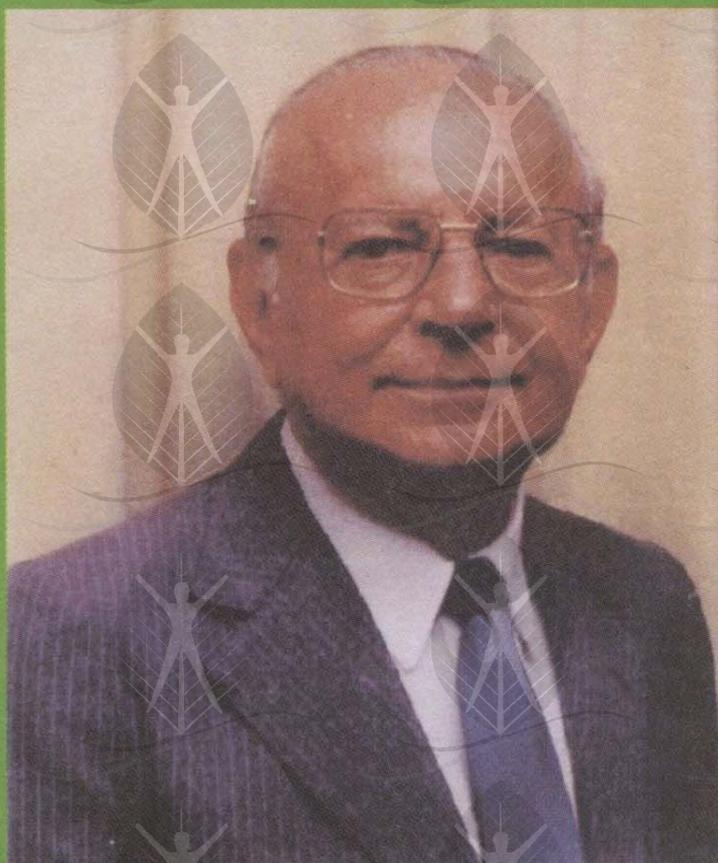


GAITANO ANTONACCIO

Mário Ypiranga Monteiro



**MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO & SAMUEL ISAAC BENCHIMOL
DUAS ÁGUIAS NO PARAÍSO AMAZÔNICO**



Samuel Isaac Benchimol

RECONHECIMENTO AO MÉRITO - ENSAIO

Mais um livro de Antonaccio

Ao concluir a leitura dos originais de Gaitano Antonaccio, *Duas Águias no Paraíso Amazônico*, lembrei-me de conversação havida com Arthur César Ferreira Reis, na sala de reuniões do Conselho Federal de Cultura. O historiador, conhecido pelas posições nacionalistas em favor da Amazônia, ainda amargurado com ingratidões sofridas ao deixar o governo do Estado, confessava-me: *Não há gente mais fria e indiferente do que a amazonense!* Pode ser que mágoas profundas ditassem ao ex-governador, o mais culto e conhecido além-fronteiras que o Palácio Rio Negro já acolhera em toda a história republicana, aquelas palavras cheias de desapontamento. Penso nelas no momento em que fecho as últimas folhas do livro que o autor subintitula de *Reconhecimento ao mérito* e vejo, então, como tudo é profundamente relativo e que, na disposição subjetiva (diáthesis), dos julgamentos humanos, quantas mudanças, (metabolai), por vezes dolorosas, para a sua correta e imparcial representação! Ferreira Reis, certamente, não terá conhecido Antonaccio, em tudo a negação da antedita frieza, indiferença e ingratidão amazônicas. Com obra vasta e multiforme, Antonaccio vem, com certa *aisance*, enveredando por vários gêneros, da poesia ao ensaio biográfico, da crônica literária ao manual técnico sobre turismo, em que é, sem favor, dos bons conhecedores, mas esse passear por diferentes campos do saber nada seria se o que faz não fosse permeado por grande dose de sensibilidade, calor humano e generosidade. Recreia-se com honestidade. É um eutrapélico, diria (e não esqueçamos o que Gabriele de Varceno, no *Compendium Theologiae Moralís*, dizia da virtude *quae in recreationibus modum servat honestum!*). Eutrapelia e generosidade que, em o Norte do País, não conheço igual. O escritor é, quase sempre, um ser mesquinho e invejoso, egocêntrico e incapaz de ver no outro o verdadeiro valor de uma alteridade. Se escreve, gentil e nobremente, de um confrade é para esperar retribuição nos mesmos termos. Por outro lado, quando nota no confrade de lide literária méritos acima dos seus próprios, desanca-o e, se o elogia e gaba, não deixa de lado sonsos e sorrateiros *mas, porém*, etc. É sempre assim. Aliás, o problema é arquivelho e tem sempre existido na repetida *querelle des anciens et des modernes*. Como se isto fosse pouco, o escritor teima em praticar o para mim grave defeito da ingratidão. Gaitano Antonaccio, esfuziante, emotivo, alegre, generoso, generosíssimo, conseguiu escapar, de modo que não hesitaria chamar de miraculoso, a essas marcas da triste miséria humana e, lendo-lhe as obras, dá até vontade de ser escritor no seu feitio. Comove-me esta sua maneira de ser, a mim, frio e pouco emotivo observador do barro humano! Repito: não conheço outro igual.

O poeta de *A Insurreição do Amor*, o investigador de *Entidades e Monumentos do Amazonas*, o ensaísta de *Gibran Khalil Gibran O apóstolo revolucionário*, e outras obras que lhe cimentaram a notoriedade do nome nas letras, dá-nos, agora, dois perfis biográficos de personalidades daquela parte da nossa Pátria amada: Mário Ypiranga Monteiro e Samuel Benchimol, o primeiro, folclorista e historiador; o segundo, economista e



GAITANO ANTONACCIO

Membro da Academia Brasileira de Ciências Contábeis
Membro da Academia de História do Amazonas
Membro da Associação dos Escritores do Amazonas
Sócio da Academia Brasileira de Direito Tributário
Sócio do Instituto Brasileiro de Direito Tributário

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO & SAMUEL ISAAC BENCHIMOL
DUAS ÁGUIAS NO PARAÍSO AMAZÔNICO



RECONHECIMENTO AO MÉRITO - ENSAIO

Bt. Mário Ypiranga Monteiro

Registro: 01869

Folha:

Data:

FICHA CATALOGRÁFICA

Ano 2000

**Antonaccio, Gaitano Laertes Pereira
Mário Ypiranga & Samuel Isaac
Benchimol - *Duas Águas no
Paraíso Amazônico***

117 pgs.

Literatura Brasileira - Ensaio

End. do Autor: Rua Monsenhor Coutinho,
527 - Centro - 69.010-110 - Manaus - AM

Editora Rocha Ltda -Manaus - AM

*- O VERDADEIRO MÉRITO É COMO
O FOGO VIVO: AINDA QUE O
ABAFEM, REBENTA E, QUANTO
MAIOR FOR A ACUMULAÇÃO DE
VERSAS, TANTO MAIORES SERÃO AS
LABAREDAS QUE DELE HÃO DE
SUBIR. (Coelho Neto)*

ÍNDICE

1. Prefácio06
2. A Grandeza da Amazônia e seus amantes09
3. Mário Ypiranga Monteiro e suas origens 19
4. Um paralelo entre duas águias25
5. O jeito de ser de Mário Ypiranga Monteiro..31
6. Mário Ypiranga- o crítico indomável38
7. Mário Ypiranga Monteiro e sua obra.....47
8. Samuel Isaac Benchimol e suas origens62
9. Samuel Isaac Benchimol e as Academias.....84
10. Samuel Benchimol- um estrategista96
11. Samuel Benchimol e as exportações
da Amazônia103
12. Samuel Benchimol e o êxodo universal.....110

A TÍTULO DE PREFÁCIO

Não é fácil escrever algumas linhas – sobretudo a título de Prefácio – em derredor de uma obra literária, mormente quando se trata de um festejado escritor e inspirado poeta que se tornou vitorioso à custa de muita perseverança, a exemplo dos rios – não fosse ele amazonense – que sempre atingem os seus objetivos porque sabem superar os obstáculos que surgem à sua frente.

E essa tarefa se torna mais árdua quando o título da obra é revelador: *Mário Ypiranga Monteiro & Samuel Isaac Benchimol: DUAS ÁGUIAS NO PARAÍSO AMAZÔNICO*.

Ao discorrer sobre esses dois gigantes das letras, Gaitano Antonaccio prova que não enveredou pela literatura para ser um simples pioneiro do nada ou um desbravador do inútil.

Aluno de ambos, quis ele deixar indelevelmente tombado, histórica e sentimentalmente, no patrimônio da admiração, um livro que retratasse as duas maiores figuras do seu tempo e com as quais teve o privilégio do convívio.

Também eu fui aluno de Mário Ypiranga Monteiro – e dele continuo discípulo – o que me dá autoridade, por vivência própria, de nele reconhecer o pesquisador, o historiador, o poeta, o jornalista, o escritor, o professor,

aquele que corrigiu lendas, desmascarou impostores, denunciou plagiadores e elevou o seu nome à admiração internacional.

Já de Samuel Benchimol a idade aproximada não me permitiu ser dele aluno, mas tem sido meu mestre na economia e nas teses que tem elaborado, de forma inigualável, principalmente quanto à biodiversidade da floresta amazônica e sobre o maior banco genético do mundo.

Diz bem Gaitano: *Mário Ypiranga Monteiro é o arquiteto de nossa história e Samuel Isaac Benchimol o analista de nossa natureza e de nossa realidade social e econômica.*

E coloca em relevo: *O professor Samuel Benchimol usa os números e a verdade científica para explanar os argumentos incontestáveis em defesa da Região Amazônica, o historiador Mário Ypiranga emprega a sedução do romance e da poesia para fazer o registro histórico desses números fantásticos – são dois monstros de nossas lutas.*

A par do ensaio sobre os dois grandes escritores, o próprio Gaitano traz para o conteúdo do seu livro assertivas irretocáveis. Eis algumas:

As declarações de autoridades internacionais, governantes de países desenvolvidos, de generais

estrategistas em conflitos bélicos, são graves e capazes de nos convencer desse desejo de ocupação da Amazônia.

Contam esses conquistadores em andamento, com a passividade monstruosa, inequívoca e estranha sob todos os pontos de vista, do Governo brasileiro, que a tudo assiste como se nós próprios, habitantes da Amazônia, fôssemos os únicos interessados na preservação das riquezas e na integração da Região Norte. Vivem de costas para o manancial natural mais cobiçado da face da Terra, aguardando uma invasão que tem sido programada lentamente, de forma eficiente, sutil e catastrófica para o nosso futuro.

Mais adiante, proclama ele esta desabafo patriótico: O mundo tem uma cobiça indisfarçável pelas riquezas do solo, do subsolo, mas despreza o homem da Amazônia. Os governantes brasileiros dão-nos a impressão de que, se os amazônidas fossem proibidos de votar, já teriam exterminado essa gente, para explorar com maior liberdade, as riquezas da Região Norte.

E à sua santa ira junto eu esta indagação: Será que por sermos do Norte a nossa Certidão de Nascimento tem menos valor nos registros cívicos da Pátria?

Gaitano se diz um italiano descendente típico, o que me encaminha para o remate destas palavras finais.

*Dante, no seu até hoje insuperável **Divina Comédia**,*

colocou à porta do Inferno: *deixai toda esperança, oh! vós outros que entraís*. Mas, ao sair exclamou: *eis-me egresso do Inferno... já posso olhar as estrelas!*

Gaitano é uma dessas estrelas que podem ser vistas no firmamento de tanta mediocridade.

Por tudo isso, siga em frente Amigo. O seu lugar na imortalidade literária está mais do que confirmado.

Senador J. Bernardo Cabral
Da Academia Amazonense de Letras
Brasília, dez./1999

A GRANDEZA DA AMAZÔNIA E SEUS AMANTES

Muitos intelectuais, historiadores, poetas, cientistas nacionais e internacionais já escreveram sobre a natureza da Região Amazônica, visitaram sua imensidão geográfica, conheceram suas riquezas naturais e cobiçadas, narraram alguns fatos históricos, mas até hoje, nenhum autor conseguiu descobrir ou esgotar com profundidade tudo o que aconteceu historicamente na Amazônia, desde o seu descobrimento. Muitos têm sido os estudiosos a ver suas teses expostas sobre a biodiversidade Amazônica, afundar no ostracismo, derrotadas em consequência dos equívocos cometidos pela falta de convivência com a região e as surpresas estarrecedoras que o solo, subsolo, fauna e flora têm reservado aos teóricos que jamais a visitaram fisicamente.

Para elucidar muitos desses equívocos, o amazonólogo, cientista, pesquisador, professor e sociólogo Samuel Isaac Benchimol tem socorrido a nossa região com teorias fundamentadas em profundos conhecimentos, vivência, experiência e um enorme acervo cultural adquirido nas constantes visitas ao interior da Amazônia.

Acompanhando a brava luta de Samuel Benchimol contra os que desvirtuam a exuberância de nossa natureza, vem do outro lado dessa trincheira cultural, o historiador, folclorista, poeta, prosador e professor Mário Ypiranga Monteiro, ambos voando em paralelo sobre o paraíso

amazônico, tal qual duas águias incansáveis e vigilantes. Este, tem sido o guerrilheiro mais viril e corajoso contra os que investem sobre a História do Amazonas, seja deturpando os fatos, menosprezando nomes de figuras da maior importância, seja ignorando o valor do trabalho dos que construíram essa História.

Não podemos nos esquecer de mencionar outros abnegados amazônidas, hoje ausentes do convívio de nossa gente, mas que foram peças fundamentais na construção da História do Amazonas, como partícipes da luta desenvolvida contra os que vivem na tentativa de tornar realidade a cobiça internacional.

Entre esses, talvez o homem que tornou a floresta amazônica mais conhecida no mundo logo após o apogeu da borracha, foi sem dúvida o escritor português José Maria Ferreira de Castro, com a magnífica obra *A Selva*. Apaixonado pela floresta que amou como a pátria de sua vida, onde aprendeu a submeter-se à sua grandeza e mistério, o imigrante Ferreira de Castro transformou-se num amazônida.

O romance *A Selva*, traduzido em todos os países da Europa e várias regiões do mundo, foi escrito sem medir sacrifícios, causando inclusive, abalos na saúde do autor que, no período de sete meses, entre os dias 9 de abril a 29 de novembro de 1929, viu concluído o seu belíssimo trabalho. Ninguém escreveu sobre a selva amazônica com os detalhes dramáticos narrados por esse autor.

Tudo aconteceu após um envolvimento aventureiro de 15 anos com a selva amazônica e desde a noite em que abandonou o seringal *Paraíso* em 1914, cuja paixão o inspirou e tornou possível a elaboração do livro. A publicação da obra ocorreu nos primeiros dias de maio de 1930 e o autor jamais imaginou alcançar tanto sucesso internacional, chegando a afirmar:

A Selva, drama dos homens perante as injustiças dos outros homens e as violências da natureza, estava destinada a ser, desde o princípio ao fim, para o seu próprio autor, uma pequena história, uma pequena parcela da grande dor humana, dessa dor que nenhum livro consegue dar senão uma pálida sugestão.

Para se ter uma idéia do amor de Ferreira de Castro pela floresta amazônica, vale a pena tomar conhecimento de seu verdadeiro e doce exílio no seringal *Paraíso*, no rio Madeira, no município de Humaitá, no Amazonas, onde passou os melhores anos de sua juventude, e, da emocionante declaração inscrita no pórtico do livro por ocasião da entrega:

Eu devia este livro a essa majestade verde, soberba e enigmática, que é a selva amazônica, pelo muito que nela sofri durante os primeiros anos de minha adolescência e pela coragem que me deu para o resto da vida. E devia-o, sobretudo, aos anônimos desbravadores, que viriam a ser meus

companheiros, meus irmãos, gente humilde que me antecedeu ou acompanhou na brenha, gente sem crônica definitiva, que à extração da borracha entregava a sua fome, a sua liberdade e a sua existência. Devia-lhes este livro, que constitui um pequeno capítulo da obra que há-de registrar a tremenda caminhada dos deserdados através dos séculos, em busca de pão e de justiça.

A luta de cearenses e maranhenses nas florestas da Amazônia é uma epopéia de que não ajuíza quem, no resto do mundo, se deixa conduzir, veloz e comodamente, num automóvel com rodas de borracha – da borracha que esses homens, humildemente heróicos, tiram à selva misteriosa e implacável.

Genesino Braga, outro exemplo de amor à terra natal, marcou a sua paixão pelo Amazonas, quando escreveu *Fastígio e Sensibilidade do Amazonas de Ontem*, que na crítica de Josué Montello, atual presidente da Academia Brasileira de Letras, assim se apresenta:

Homem do Amazonas, é bem o exemplo da criatura que segue o caminho de sua aldeia. O que ele reflete, como sensibilidade e estudo, corresponde a uma ligação com a terra de suas origens.

Sobre a emocionante narrativa que enriquece a obra desse saudoso imortal de nossa Academia Amazonense de

Letras, disse o alagoano Luís da Câmara Cascudo em prefácio:

Genesino Braga foi buscar nos arquivos documentação insubstituível para construir a terra com os seres que a povoaram com sangue e gestos, opiniões e graças, desejos e amavios. Em treze quadros cíclicos, comunicantes de simpatia, trouxe aos nossos dias presentes Manaus festiva e recepcionadora, Manaus histórica e cheia de lembranças, num verismo emocional que o sagra Ticiano das grandes sombras.

A obra ***Corografia do Estado do Amazonas*** escrita em 1921, pelo professor catedrático do Ginásio Amazonense D. Pedro II, Agnello Bittencourt representa um estudo amazônico a descrever com precisão a natureza da região, sua fauna, flora, bacia hidrográfica, afluentes do grande rio e suas peculiaridades.

A beleza das colocações poéticas do grande historiador amazonense, tornam a obra um agradável romance geográfico e dão-lhe o adjetivo de amante do Amazonas. Agnello Bittencourt amou Manaus onde nasceu em 14 de dezembro de 1876 e foi um dos mais ilustres filhos do Amazonas do século passado.

O emérito médico e cientista acreano, Dr. Djalma da Cunha Batista, iluminou as letras da Amazônia e descreveu o seu enigma de grandeza, quando nos brindou

com a oportuna obra geo-científica *O Complexo da Amazônia*, fazendo um acurado estudo do processo de desenvolvimento da região.

Denuncia o saudoso imortal de nossa Academia Amazonense de Letras em seu magnífico tratado, o desconhecimento pragmático sobre a Amazônia e nos leva a um passeio esclarecedor do espaço físico da região, das doenças que a castigam, da extinção programada dos nossos índios, faz um alerta sobre a depredação de nossos animais, florestas, riquezas e prega com entusiasmo e inteligência a defesa de nossa ecologia.

Outro amazonense, o festejado historiador, advogado, conferencista, político e professor Arthur César Ferreira Reis foi autor de valiosas obras sobre a Amazônia, merecendo da crítica nacional e internacional verdadeiros encômios pelas suas afirmativas, principalmente ao escrever *Amazônia e a Cobiça Internacional*.

Com palavras atualizadíssimas vemos o que diz o mestre às fls. 212, na quinta edição desse festejado livro:

A Amazônia, pelo que dela sabemos, e ainda não é o suficiente, compõe um dos maiores espaços abertos do mundo, reserva da humanidade, pretendem os que não a desejam ocupada imediatamente ou utilizada em toda sua potencialidade, mas espaço que pode autorizar a produção de riquezas de toda espécie, incluindo

aquelas fundamentais à preservação da espécie humana. Não se pense em dramaticidade no que estas linhas possam deixar transparecer. O que desejamos fixar com clareza, sentimos como todos poderão vir a sentir, é que há uma realidade tremenda que precisamos enfrentar. Esta realidade é a extensão do espaço amazônico como área potencial para a produção de riquezas, indispensáveis ao gênero humano, insisto, inclusive aqueles essenciais à alimentação, espaço capaz de abrigar milhões de seres humanos. As resistências do meio físico, são, na atualidade, com o progresso da técnica, resistências fáceis de vencer. Custam caro, mas são perfeitamente ultrapassadas. O homem cresceu não apenas demograficamente, mas na sua capacidade realizadora, intensificada pela técnica que ela possui e domina.

E prossegue mais adiante, o grande amazônida às mesmas folhas:

Ora, a Amazônia está na mira de organismos internacionais, que vêem nela o espaço disponível do futuro. Essa é uma verdade incontestável. Não me venham com a preferência a outras regiões do mundo ainda por ocupar também. São muito menores e pertencem a países onde não é possível proceder com a ousadia por que se pretende fazer com a relação ao Brasil.

Tendo nascido em Manaus, nos idos de 1906, Arthur Cézar Ferreira Reis incursionou no caminho das letras, da intelectualidade, tornou-se um sábio, professor emérito e catedrático, dedicou sua vida ao estudo da Amazônia e jamais pensou um dia, ser guindado ao posto de governador do Estado do Amazonas, no período revolucionário iniciado em 31 de março de 1964. E recebeu do seu amigo e sociólogo Gilberto Freyre, a seguinte definição histórica:

Arthur Reis é a Amazônia que vem dedicando toda uma vida exemplar de intelectual, e também de homem público. Homem público que passou pelo governo do Estado do Amazonas com um fulgor de espírito cívico, com uma lucidez de administrador, com uma flama de renovador que o tornam figura já histórica, sendo ainda personagem atual.

Em verdade, a defesa de uma região não é feita somente com as teorias científicas, por meio da preservação de sua natureza ou mantendo-se a fidelidade da história, costumes e tradições. Há que se pensar também, além do aspecto cultural, no político, no social, artístico e na coragem cívica de seu povo. Cada habitante de uma civilização deve ser um bravo guerreiro motivado pelo patriotismo.

O Amazonas tem sido pródigo na formação do contingente especial que vive em sua defesa e por ele dedica a vida inteira. Além de todos os citados acima,

muitos outros nos socorrem na comprovação dessas palavras, como o artista plástico internacional Moacir Couto de Andrade, que tanto tem levado o nome da Amazônia aos mais distantes países da Europa, Estados Unidos, Japão, exibindo o mais belo de nossa natureza por meio de suas telas coloridas.

O saudoso pintor Branco e Silva, injustiçado na grandeza de sua obra, foi magnífico com a criatividade nas artes plásticas e na pintura, quando a arte era total sinônimo de desprezo e anonimato. Ainda assim, Branco e Silva trazia o mundo curioso para apreciar o seu talento encantador.

José Bernardo Cabral, advogado, contador, conferencista, escritor, membro da Academia Amazonense de Letras, vive a fecundar a soberania amazônica, alcançando o respeito congressual brasileiro, aplicando toda a sua capacidade intelectual no desempenho da política nacional, já tendo exercido os mais destacados cargos públicos, chegando a Ministro da Justiça, relator da Constituição de 5 de outubro de 1988 em vigor, e, elegendo-se no último pleito, o senador mais votado pelo Amazonas, marca que vem conquistando nas disputas eleitorais para deputado estadual e federal.

Com um currículo invejável, prestígio nacional e internacional na representação de importantíssimas comissões de trabalho, esse senador amazonense vem honrando não apenas o Amazonas que tanto ama, mas o Brasil como pátria que o admira.

E o que me importa nas citações feitas é que esses homens de prestígio e importantes para a nossa História, não nasceram apenas no Amazonas e daqui se foram. Os que já nos deixaram pela chegada da morte, entregaram a maior parte de suas vidas entre o nosso convívio e outros jamais nos deixaram até o último suspiro.

Foi nesse aspecto sentimental e de comprovado amor pela terra natal, que os escolhidos para essa homenagem ora prestada são os queridos professores amazonenses Mário Ypiranga Monteiro e Samuel Isaac Benchimol, mesclados nas raízes da natureza amazônica e derramando aqui e acolá sobre essas raízes, o suor de suas obras e o sangue de seus corações. São esses dois intelectuais da Amazônia que passamos a retratar nas páginas seguintes, a fim de mostrar aos jovens, adultos, estudiosos e pesquisadores, a importância de suas obras, para servir de exemplo de amor às nossas causas pelas virtudes que enriquecem suas vidas.

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO E SUAS ORIGENS

O emérito professor e historiador internacional Mário Ypiranga Monteiro, filho de Francisco Monteiro e Maria de Souza Monteiro, para orgulho dos amazônidas nasceu em Manaus, capital do Estado do Amazonas, no dia 23 de janeiro de 1909. Casado com a Sra. Ana dos Anjos Monteiro, teve com ela os seguintes filhos: Marita Socorro Monteiro, Azemilkos Trajano Monteiro, Maurílio Galba Monteiro e Mário Ypiranga Monteiro Filho, todos com formação universitária. Autor de quase uma centena de obras, que serão relacionadas oportunamente, o escritor, poeta e romancista Mário Ypiranga Monteiro, talvez seja hoje o mais internacional dos escritores amazonenses com críticas elogiosas ao seu trabalho, feitas por ilustres escritores do México, Itália, França, Portugal, Alemanha, e, sem dúvida, de todos os Estados brasileiros.

Com o curso colegial realizado em Manaus, formou-se Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas, tornando-se mais tarde membro da Ordem dos Advogados do Brasil - Seção do Amazonas, onde foi conselheiro, tendo advogado no foro de Manaus por uma década.

Membro titular da Academia Amazonense de Letras e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, do Conselho Consultivo da Associação dos Escritores do Amazonas, sócio correspondente do Instituto Geográfico

e Histórico Brasileiro, membro da Sociedade de Geografia de Lisboa, da Sociedad Folklorica de México, sócio da National Geographic Society de Washington, Estados Unidos, acadêmico de honra da Academia de Paestum, Salerno, da Itália, correspondente da The American Academy of Political and Social Science, da Filadélfia, Estados Unidos, membro da The Folklore Society-University College, de Londres, Inglaterra, Cavaleiro de Honra da Tres Auguste et Tres Ancien Ordre Imperial Bizantine de Constantin Le Grand, de Madrid, na Espanha, pertence a várias outras entidades culturais do país e do exterior.

O professor Mário Ypiranga Monteiro começou suas incursões literárias muito jovem, quando ainda era aluno do Ginásio Amazonense D. Pedro II, hoje Colégio Estadual do Amazonas. Escrevia artigos para a revista *Vitória Régia*, para o jornal *O Estudante*, do qual foi dirigente e para o jornal *12 de Agosto*. Nessa fase, publicou contos e poesias nas revistas *O Malho*, *Fon-Fon*, do Rio de Janeiro e em diversos jornais de Manaus e de outros Estados.

Dedicando uma vida à pesquisa histórica, ele se transformou no maior historiador amazonense de todos os tempos, trazendo à lume, fatos, estórias, documentos e narrativas empolgantes e inéditas, construindo com muita dedicação e esforço, um verdadeiro acervo cultural importantíssimo sobre a História do Amazonas. O nosso passado, vive presente em nossa literatura, graças ao

abnegado professor, que despreendido e sem respostas financeiras pelo seu imenso e inesgotável trabalho, jamais deixou de estudar tudo o que diz respeito ao Amazonas para nosso deleite e conhecimentos científicos.

Foram muitas as condecorações recebidas pelo grande historiador, tanto no Brasil como no exterior, além das premiações e obras laureadas, tornando-se cansativo enumerá-las nesse trabalho mais dirigido à importância de sua cultura para o Amazonas e para o mundo do que propriamente narrar sua riquíssima biografia.

Ninguém escreve sobre o Amazonas sem consultar os livros do mestre. O que muitos não fazem, é confessar a consulta e citar a fonte, preferindo assumir o crime do plágio.

Apaixonado pelo folclore da Amazônia, criou polêmicas e escreveu obras maravilhosas sobre o assunto, publicando em 1950 um competente ensaio intitulado *Folclore Amazônico* e em 1952, *Dois Danças Amazônicas* (Desfeiteira e o Arara).

É detentor de várias honrarias e homenagens, exercendo as funções de pesquisador em Ciências Sociais do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), foi professor de Geografia Geral no Ginásio Amazonense D. Pedro II e de Literatura Portuguesa e Brasileira (duas cadeiras) na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Amazonas.

Muitos de seus trabalhos, pela importância e validade dos temas, possuem repercussão nacional, internacional e foram traduzidos para os idiomas alemão, inglês, espanhol, italiano e outros.

Nos idos da década de 1950, fui um bom aluno do professor Mário Ypiranga Monteiro, no Ginásio Amazonense D. Pedro II, onde o mestre lecionava Geografia Geral. Ele jamais logrou me reprovar, posto que vivendo para o estudo, sem necessidade de trabalhar para o meu sustento, custeado por meus pais, eu cuidava bastante de sua matéria complicada, exigente, mas fascinante pelo discorrer das aulas que o mestre ministrava.

Sua fama nacional e internacional, como renomado intelectual amazonense causava preocupação aos alunos que perseguiram as mais altas notas nos cursos de humanidades ou no científico, e ao mesmo tempo apavorava os viciados em conseguir aprovação sem muito esforço, não estudando bastante e utilizando-se da artimanha da famosa *cola*.

Naquele tempo, empolgado e amante dos livros, eu era um poeta *nascitur*, como me chamava carinhosamente o saudoso professor Manoel Bastos Lira, outro monumento de nossa intelectualidade. Eu tinha centenas de poesias escritas, algumas em forma de livro artesanal, mas não me atrevia a publicá-las como obra. Eu o fazia em jornais e revistas de circulação local. E como aluno do professor

Mário Ypiranga, naquele tempo, não significava muita coisa fazer poesia, porque, carinhosamente, ele chamava todos os seus alunos de poetas.

Austero e justo, o mestre reprovava amigos e filhos de amigos e aprovava desconhecidos ou estranhos, buscando sempre julgar o conhecimento do aluno e não o sobrenome de família. Jamais conheci alguém em salas de aulas, que mantivesse intimidade com o professor, mas não sei também de qualquer aluno que se tornou seu inimigo. Sério e competente, o mestre possuía e mantinha uma distância discreta com seus alunos, e se não era amado por alguns pelo jeito firme de lecionar, também não era odiado, porque antes de qualquer outro sentimento, ele ganhava o respeito de todos.

Folclorista incontestável e profundo conhecedor do assunto, durante muitos anos, assumiu um compromisso com o diretor do Ginásio Amazonense D. Pedro II, dirigindo e ensaiando com vários alunos a dança indígena do *Tipiti*, da qual fiz parte, apresentada no antigo campo do General Osório, estabelecido entre as ruas Epaminondas e Luiz Antony, por ocasião do Festival Folclórico do Amazonas, no mês de junho de cada ano. Festival que teve nele o maior inspirador, quando criou o primeiro na Avenida Ajuricaba.

Sem conhecê-lo na intimidade, mas recebendo aprovações nos exames da matéria que ele lecionava, já aprendera desde então a admirar a sua intelectualidade, ler suas

obras e comecei a tornar-me um interessado em História do Amazonas. A maioria das obras despertou em mim, um desejo incontido de pesquisar desde muito cedo para aprender e mais tarde escrever alguns de meus livros.

Se eu aprendi a defender o Amazonas, passei a ser um defensor intransigente de nossas raízes, seja no turismo onde exerço a atividade há mais de três décadas, seja nos artigos para jornais (mais de 1000), seja em livros, devo parte dessa formação patriótica e cultural ao exemplo apreendido desse emérito amazonense.

Dediquei a segunda parte desse livro, para homenagear outro ilustre sábio amazonense, economista, sociólogo e cientista Samuel Isaac Benchimol, que, na mesma dimensão de grandeza do historiador Mário Ypiranga Monterio, enaltece a cultura do Amazonas e foi também meu professor na Faculdade de Direito.

UM PARALELO ENTRE DUAS ÁGUIAS

Se alguém quisesse fazer um paralelo entre a sabedoria do professor Samuel Isaac Benchimol e a capacidade intelectual do mestre Mário Ypiranga Monteiro, dificilmente, qualquer crítico ou estudioso, teria dificuldade, porque são dois gigantes de nossa cultura que se equívalem em gênero, número e obras maravilhosas.

Mas é possível fazer um paradoxo, porque estamos diante do historiador emérito e do pesquisador erudito, ou seja, o Amazonas recebe de um, o passado sofrido e glorioso, de corpo presente e do outro, uma perspectiva de futuro mais rico e promissor para persistir na luta pela integração nacional.

Samuel Benchimol veio ao mundo em 1923, quando a borracha da Amazônia não mais corria pelo mundo com a mesma intensidade de anos passados, trazendo em troca para a nossa região, além de muitos dólares, a presença de famosos imigrantes, artistas e intelectuais dos mais diversos países da Europa, comerciantes judeus, sírios-libaneses e de outras regiões do mundo, em busca de vencer e enriquecer nas Américas.

Mário Ypiranga Monteiro, um pouco mais privilegiado no tempo, nasceu em 1909, no burburinho de um progresso que não teve até hoje, a segunda edição. Quando encontrou a luz da Amazônia pela vez primeira, num

choro de felicidade, o professor e grande historiador, viu as cores verdes de um paraíso infernal e sentiu o calor úmido, provocado por uma floresta internacional, limitada por um horizonte que não termina, cercada por um rio sem fim – o Amazonas e sob um céu que nunca deixa de ser azul.

No estudo do professor Benchimol vamos encontrar o perfil dos caboclos das enchentes e das vazantes desse rio, mesclados com os irmãos nordestinos, que haviam abandonado o sertão, o inverno e o flagelo das secas, para se transformarem em soldados da borracha, navegando sobre esse rio, lotado de navios transportadores de nossa hévea, para suprir o mundo em progresso. Foi uma época de muito esplendor e fastígio e a melhor conjuntura, para nascer num mundo tão distante e ainda hoje não integrado, pelas agruras de uma geografia perversa e pela má vontade dos homens.

Enquanto o professor Mário Ypiranga registrou a nossa história anotando o passado e acompanhando o presente, descobrindo novos fatos e corrigindo lendas, o mestre Samuel Benchimol profetizou o futuro de nossa economia, com teses científicas incontestáveis sobre a biodiversidade da floresta amazônica e usando as premissas das estatísticas disponíveis, para contestar os que se iludem com o comportamento de nossa natureza.

Mário Ypiranga Monteiro explana com sentimento e poesia a beleza e a cultura do nosso folclore, nossa

geografia fantástica, a história heróica do índio, do caboclo de dorso curvado, mas um bravo na luta pela sobrevivência que enfrenta sem amparo, na orfandade política e social. Foi ele também que fez o registro completo e emocionante dos mais importantes fatos sobre os monumentos, praças, museus, avenidas, logradouros e entidades construídas antes e após o apogeu da borracha, que tantas glórias nos permitiu herdar.

Samuel Benchimol, narra com brilhantismo excepcional, a riqueza de nossa natureza, adverte para a cobiça internacional, comprova o quanto nos sacrificamos para preservar tantas riquezas, narra com raro tirocínio, pintado com os matizes da emoção e perfeito conhecimento de causa, o ciclo dos imigrantes nordestinos do Ceará, que tanto contribuíram com o trabalho e a cultura, para o crescimento e desenvolvimento da Amazônia.

Quem tiver interesse em acompanhar o estudo do professor Samuel sobre a influência do cearense no processo demográfico, social e cultural da Amazônia, vai deleitar-se com os termos usados, espontaneamente, pelos soldados da borracha, homens que trocaram a seca pela vazante e o inverno pesado pelas enchentes de nossas várzeas. Sua obra mais importante, a mim me parece, por causa do sentimento amazônico, é *Amazônia – Um Pouco-Antes e Além-Depois*. O mais dramático romance entre o homem e a natureza já escrito em nossa região continental.

Mário Ypiranga, com sua obra *Teatro Amazonas* (quatro volumes), esgota a curiosidade do mundo, sobre a história de um povo que prosperou no meio da selva e construiu um dos mais belos monumentos para a humanidade. Quem manusear esta riqueza de epopéia histórica, saberá não só sobre o que aconteceu no Amazonas entre os séculos XIX e XX, mas conhecerá como o Brasil, a Europa e o mundo se comportavam com as artes e com as riquezas materiais.

Em verdade, são dois divulgadores ecléticos das belezas da Amazônia, casando a natureza com o homem, cada qual na sua especialidade, legando a todos nós o orgulho de conhecer ao mesmo tempo, Mário Ypiranga Monteiro – o arquiteto de nossa história e Samuel Isaac Benchimol – o analista de nossa natureza e de nossa realidade social e econômica.

A grandeza do Amazonas em matéria física formada pelo rio imenso, extensão territorial soberba e florestas quase infinitas sob um céu azul verdejante, passa a se confundir com a grandeza cultural desses dois amazonenses de Manaus, comprovada em suas obras inconfundíveis e patrióticas.

Algumas habilidades desses dois mestres nem sempre são do conhecimento de seus amigos e admiradores, além de inúmeros trabalhos realizados por eles nos bastidores, seja na esfera do poder público com sugestões precisas e fundamentadas sobre fatos de nossa história ou nossa

economia, seja na prática de algumas tarefas executadas pelo prazer da realização.

Mário Ypiranga Monteiro é um habilidoso artista plástico de projetos e maquetas, cuja arte nesse mister, não permite divulgar com a ênfase de sua importância. Só conhecem mais essa virtude do historiador, os amigos que têm o privilégio de visitá-lo em sua confortável residência adequada com grande mérito, para as atividades intelectuais do dia-a-dia.

O professor Samuel Benchimol dirige as empresas do Grupo Fogás-Bemol com invejável tirocínio comercial, financeiro, econômico e matemático, causando admiração aos mais festejados mestres de Direito Administrativo ou de *Marketing* Empresarial.

Acompanhando o valor flutuante do dólar comercial nos negócios encenados na Zona Franca de Manaus, o sociólogo Samuel faz toda a estratégia de preços e custos de suas empresas, fundamentado na moeda americana e tem sido eficiente até os dias de hoje.

Tornou-se um importante pesquisador nos números das importações e exportações da região, evitando desastres nos balanços de suas empresas, provando um profundo conhecimento sobre mercado nacional e internacional, situando o Grupo empresarial que lidera, entre os maiores contribuintes do ICMS do Estado, promovendo o

crescimento de seus negócios sem deixar de contribuir para os cofres e para a economia do Amazonas.

O professor Samuel Benchimol usa os números e a verdade científica para explicar os argumentos incontestáveis em defesa da Região Amazônica, o historiador Mário Ypiranga emprega a sedução do romance e da poesia para fazer o registro histórico desses números fantásticos – são dois monstros de nossas lutas!.

O JEITO DE SER DE MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

Dotado de um bom caráter, conhecido pela forma sisuda de sua presença onde quer que surja, uma das curiosidades do mestre Mário Ypiranga Monteiro é o seu vigor crítico até para consigo mesmo. Averso aos badalados acontecimentos sociais, sem ser um homem tímido, sempre pugnou pela discrição familiar, preferindo o aconchego da esposa e dos filhos, num lar repleto de livros e livros, para as suas pesquisas e estudos incessantes.

Seguro quanto aos temas que aborda, consciente das suas colocações magistrais sobre fatos que descreve sobre a História do Amazonas ou idéias que expõe com caneta afiada e teclado inspirado no mundo informatizado, ao qual já se mesclou, em cada de um de seus livros ele é o prefaciador dele mesmo. Nas suas obras, vamos encontrar o *Pré-Faço*, ou seja, ele mesmo escreveu o prefácio de todas. Resistente a esses favores de amigos que nem sempre se manifestam com sinceridade para apor o nome num prefácio, ele redigiu todos os seus. Portanto, antes de iniciar a leitura de qualquer capítulo de seus livros, sempre encontramos um *Pré-Faço* elaborado com síntese e precisão.

Em verdade, a solicitação da apresentação de um livro para algum amigo íntimo, seja ele intelectual de renome ou especialista no assunto abordado, significa mais ou

menos a mesma coisa que os pedidos feitos pelo caboclo amazonense, quando vem do interior, aos políticos da cidade ou doutores em qualquer coisa. O caboclo já se aproxima chamando o político de compadre e se dez rebentos ele fizer a mulher parir, serão dez políticos convidados para padrinhos. Depois, a criança antes da orfandade dos pais, recebe a orfandade ou o abandono dos padrinhos.

A apresentação de uma obra, mesmo a despeito de conter ressalvas ou críticas cuidadosas, discordantes, é sempre um aval literário do prefaciador. O prefácio é feito ou negado. Eu, que sou um italiano descendente típico, quando sou solicitado e não quero prefaciá-la obra por que não concordo com o tema abordado, não por ser especialista em críticas, mas porque alguma coisa, alguns erros parecem crateras em estradas asfaltadas, comunico ao pedinte que tenho mais quatro ou cinco obras para prefaciá-las, alego uma grande demora para a entrega e devolvo sem outros comentários.

Entretanto, jamais dei como resposta a um prefácio, a retenção dos originais da obra ou a covardia do silêncio. Sei que se o autor é deveras inteligente, saberá que no fundo eu rejeitei a tarefa quando aleguei qualquer motivo.

Gosto de submeter minhas obras a prefácios, ao contrário do grande historiador que ora homenageio com este livro, e quando solicito, sempre o faço por escrito, com ressalvas ao solicitado. Pergunto sua disposição em

laborar a apresentação e entrego os originais sob o crivo de ser ou não prefaciado. Sempre deixei à vontade todos os meus prefaciadores.

Crítico voraz e autêntico, o professor Mário Ypiranga Monteiro não perdoa os plagiadores, nem as mesmices históricas como criação literária. Fica acometido de grande aborrecimento, quando se defronta com obras eivadas de mediocridade, onde os imitadores não possuem pelo menos a capacidade de esclarecer fatos novos ou contribuir com informações adicionais para melhorar o teor e o conteúdo de nossa História.

Outra cruel punição que o mestre aplica aos falsos informantes com sua caneta afiada e opulenta é a não citação de suas obras, quando muitos são os escritores que se valem de suas pesquisas e não possuem a dignidade de citá-lo. Aliás, medíocres, não são capazes de perceber que, a citação de Mário Ypiranga Monteiro em suas obras, dará maior credibilidade, valor e noção de estudo.

Pesquisando um pouco de sua intimidade, confessada no livro *Negritude & Modernidade*, descobre-se que muito cedo, o grande historiador iniciou suas incursões pelo mundo, porque aos sete anos já era solicitado para integrar clubes carnavalescos, pastorinhas, festas das escolas e chegou a ser ameaçado de ingressar na Marinha, coisa que não lhe passava pelos ofícios.

Seu pai incentivava-o às competições do saber. Costumava passar-lhe como tarefa, o hábito de ler versos, decorá-los e recitar para os adultos. O mestre, atacado de romantismo, que desenvolveu com muita felicidade em seus livros de pesquisas, conferências e relatos, costumava cantar em reuniões de família ou do colégio. Não só lia versos, como também os fazia.

De formação familiar católica, chegou a louvar Deus na igreja de Cristo e na igreja Batista, impulsionado por apelos do pai e alcançando a Presidência da Escola Dominical. Eis que, enquanto pregava para os batistas, ao mesmo tempo ajudava os católicos na paróquia de São Sebastião, onde era pajem de Santo Antônio.

Essas narrativas do seu próprio punho, confessadas no livro acima citado, vão mais além na autocrítica, quando ele entende o fato como esdrúxulo, pelo episódio de satisfazer as duas religiões desde menino e diz: *Eu acendia uma vela para Deus e outra ao diabo, pois diziam ser eu o diabo em figura de gente.*

Foi também escoteiro aos 11 anos na Legião Amazonense de Escoteiros do Instituto Universitário Amazonense, época em que desbravadamente, saía as quatro da manhã da rua de Xavier de Mendonça Furtado, no bairro de Aparecida dos Tocos e rumava para a Legião, caminhando sozinho.

Mas, segundo o grande historiador foi no Ginásio Amazonense D. Pedro II, que floresceram as primeiras aproximações com a história, geografia, línguas e literatura. Havia um celeiro de intelectuais no Ginásio Amazonense, entre poetas, prosadores, artistas plásticos, e quando Mário Ypiranga iniciou sua vida intelectual em 1927, o fazia por meio de jornais estudantis, manifestos, alguns manuscritos e peças datilografadas.

Em 1930, já formado, deixou o Ginásio em consequência de uma revolução estudantil, onde figurou como um dos líderes. Naquele tempo, o Governo Federal estava nas mãos do Presidente Washington Luís e Mário Ypiranga Monteiro, com mais alguns companheiros corajosos, todos alunos do mesmo colégio, lutaram pela mudança do sistema governamental da época, acompanhando o comportamento do povo brasileiro.

No mês de junho de 1930, era chefe de Polícia no Estado do Amazonas, no governo do Sr. Dorval Pires Porto, o Dr. Martins Palhano. Os estudantes faziam comícios, reuniões nas praças, nos bares de Manaus, acompanhando os crescentes movimentos revolucionários desencadeados no Sul do País e encabeçados pelo ditador Getúlio Vargas, que implantaria em seguida o Estado Novo, realizando profundas reformas nas nossas instituições.

O Dr. Palhano, iniciou então, uma série de perseguições aos estudantes, provocando tumulto e confusão nos bares,

cafés, praças, bondes e em diversos logradouros de Manaus, onde houvesse concentração de jovens.

As tensões cresceram e nos dias 11 e 12 de agosto de 1930, os estudantes, liderados por Artur Coriolano, Francisco Benfica, Francisco Silveira, Mário Ypiranga Monteiro, e muitos outros, munidos de armas que pertenciam ao Tiro de Guerra, setor que funcionava no andar térreo do próprio Ginásio, ameaçavam revidar às pressões das autoridades, quando houve a interferência decisiva dos professores Plácido Serrano Pinto de Andrade, diretor do Ginásio, Álvaro Botelho Maia e Agnello Bittencourt, pondo um final na rebelião. Logo em seguida, foram soltos alguns estudantes, presos injustamente, o governador Dorval Pires Porto foi exonerado sendo nomeado para interventor do Amazonas, o Dr. Álvaro Botelho Maia.

Enfrentando altos e baixos na sua vida, transpondo desafios, sofrendo decepções e alcançando triunfos, o professor Mário Ypiranga Monteiro não permitiu que o tempo passasse sem se tornar uma das figuras mais importantes da cultura amazonense e um historiador internacional para orgulho do Amazonas.

Em 1932 e 1933, já começava a mostrar o seu espírito polêmico e crítico, quando denunciou um plágio de um cidadão oriundo de Portugal, que nas funções de tipógrafo de um jornal chamado *União Portuguesa*, havia copiado versos de *As Máscaras* de autoria do festejado vate

Menotti Del Picchia. Dessa época até os dias de hoje, o combativo professor jamais deixou em paz os plagiadores.

Todos os amazonenses ligados à cultura e que acompanham a história da Literatura Amazonense, já usufruíram de momentos de grande deleite ao ler as críticas abertas, corajosas, veementes e vernaculares desse grande amazonense, contra os que se atrevem a exagerar nas imitações criminosas e escrevem sobre a História do Amazonas, castrando ou omitindo fatos, nomes e datas ou ainda, confundindo episódios que descaracterizam nosso heroísmo e falseiam com a verdade. Sem dúvida, o mestre deve ter lá suas mágoas e amarguras pela pilhagem contra as suas criações literárias, pelo plágio criminoso de suas pesquisas, onde muitos atribuem a si próprios, o que, cristalinamente, nasceu de sua fértil imaginação.

Ainda hoje, no esplendor dos seus noventa anos vividos, tenho testemunhado o labor diário desse incansável estudioso da História do Amazonas e do inesgotável sentimento de pesquisador, quando o visito e o vejo velando em cima dos livros, defronte a um computador como se ainda estivesse no verdor dos anos, produzindo para nossa riqueza cultural.

Em capítulo à parte, mostraremos mais detalhes sobre a crítica indomável desse polêmico e valoroso imortal da Academia Amazonense de Letras e tantas outras.

MÁRIO YPIRANGA – O CRÍTICO INDOMÁVEL

Desde os primeiros passos na literatura, quando se viu embrenhado no mundo da poesia, do magistério e das pesquisas históricas, o romancista, escritor, poeta, folclorista, historiador, professor e acadêmico de muitas academias, Mário Ypiranga Monteiro, não escondeu o seu temperamento indomável na crítica literária, nem o espírito rebelde da mocidade, quando envolvido em motim estudantil, empunhou armas contra o poder na década de 1930. Quem desejar maiores detalhes de sua tendência guerreira contra a opressão e o abuso de poder, consulte a obra *Mocidade Viril–1930 –Motim Ginásiano*. Nela encontrará a participação do mestre, por certo, não mais com um fuzil nas mãos, mas saberá os detalhes de como isso aconteceu.

Qualquer uma de suas obras, se consultada com cuidado e atenção, permitirá ao leitor averiguar o quanto de crítica política, social, histórica, econômica e financeira ele desfechou contra autoridades, autores descuidados, artistas e homens estranhos ao processo de nossa formação histórica, seja contra os poderosos do império, contra os governantes republicanos ou os que andaram pelo Amazonas excedendo-se em falcatruas e péssimos exemplos.

Com perfeito bom senso, justiça, equilíbrio, inteligência e muito conhecimento de causa, nem sempre as suas críticas

são perversas ou contrárias. De vez em quando, encontramos o mestre elogiando e enaltecendo figuras da história da cultura amazonense, com depoimentos isentos de animosidade e reconhecendo seus méritos.

O livro *Negritude & Modernidade*, todo ele dedicado a biografar e comprovar o lado competente do governador Eduardo Gonçalves Ribeiro é uma prova evidente do seu espírito crítico justiceiro. Da mesma forma, quando enaltece o comando do Dr. José Francisco de Araújo Lima, médico paraense a ocupar a Prefeitura de Manaus, realizando um dos mais importantes trabalhos pela cidade, com muita competência e probidade.

Outra prova inconfundível de sua crítica soberana, o mestre nos permite conhecer no opúsculo *História do Monumento da Praça de São Sebastião*, no qual, ele traz à lume, documentos comprovadores da inocência do médico Antônio Davi Vasconcelos de Canavarro, diretor de Obras Públicas da prefeitura da Província em 1867, quando por iniciativa do mesmo, foi mandado erguer o monumento. Houve uma acusação torpe do administrador Quintino Vieira de Aguiar, sem fundamentos e provas, tentando denegrir a imagem do médico. Contra este cidadão, o crítico Mário Ypiranga Monteiro investe, como se vê às páginas 21 do livro referido, com o seguinte depoimento, após transcrever uma carta da época inocentando o médico:

Com esta exposição ficou resolvido o caso, aparecendo o cidadão Quintino Vieira de Aguiar como difamador. Mais tarde ele seria nomeado administrador das obras do Teatro Amazonas. Como se vê as criaturas têm encontrado aqui, sempre, ambiente próprio para o exercício pleno de suas maldades. Parece que ao fim a coluna não serviu apenas para assinalar um evento histórico, mas também para lembrar àquele cidadão Quintino, que não se conspurca a honra de ninguém sem a necessária montoeira de provas positivas. Bem diz o ditado: quem tem rabo de palha não chega lume ao do vizinho.

O autor de *Negritude & Modernidade* conta-nos também, os dissabores enfrentados pelo governador Eduardo Gonçalves Ribeiro, após deixar o governo e ser substituído por manobras políticas e farsas que elegeram o Dr. Fileto Pires Ferreira. E quando descreve a queda de Fileto Pires, tomamos conhecimento de suas críticas sobre a nomeação do Dr. Guido de Souza, cunhado do governador e o período negro vivido pelos habitantes de Manaus.

Afirmando ser o Sr. Guido o maior patife que já surgiu na administração do Amazonas, o professor, revela uma época em que a vida valia muito pouco para o caudilhismo provinciano. *Era um indivíduo de mau caráter, vingativo e impiedoso*, afirma o mestre, às páginas da magnífica obra.

O Tigreiro, obra de cunho social, histórico e humanístico, constitui-se numa crítica geral aos nossos governantes, desde os tempos do Império, quando poucos ligavam para os problemas de saneamento básico, estruturas para melhorar a saúde pública, locais apropriados para despojar os excrementos da sociedade consumista e a falta de serviços de esgoto, encanação adequada e outras mazelas próprias dos descuidos do poder público, até os tempos da Zona Franca de Manaus.

No livro, o professor comenta a mania que se verifica e se repete na aquisição de objetos supérfluos, produzidos em larga escala pela Europa. Cita os exemplos do fastígio da borracha, entre 1870 a 1934, quando de tudo se importava. Vejamos o seu valioso argumento, para criticar tal comportamento:

Uma nota pitoresca deve ser instaurada aqui: é o nosso proverbial senso de repetição, a nossa capacidade inata de seriar modelos prototípicos, com o que algumas vezes damos adeus à indústria lá de fora. Essa capacidade que deveria de ser cultivada aparece em todas as etapas de nossa civilização e cultura, desde o amaldiçoado colonialismo até os dias modernos. Talvez alguém muito sensível a essas atividades do espírito, à inventividade, à criatividade que vem da criança ao adulto, pudesse, um dia, escrever brilhante página, que seria uma demonstração de que ao amazonense nunca faltou capacidade de expressão.

Como faz referência o próprio autor, a intenção da obra foi historiar a figura do coletor de excrementos (o tigreiro), embora por uma imperiosa necessidade de esclarecimentos de fatos, tornou-se necessário mencionar algumas autoridades de então.

Seu recente livro *O Atravessador*, faz referências a uma figura que surgiu em parceria com os regatões, desde os tempos da Capitania de São José do Rio Negro. É o indivíduo interceptador de embarcações, com o objetivo ganancioso de comprar os gêneros alimentícios e outros produtos do comércio por preços menores e revendê-los ao consumidor, por preço muito mais caro.

Nesse livro, o professor Mário Ypiranga Monteiro discorre sobre as vicissitudes de nossos interioranos, as conquistas de leis protetoras do comércio de regatão, mas não perdoa os atravessadores prejudiciais ao comércio de gêneros alimentícios, a passividade das autoridades para com os mesmos desde os anos finais do século XIX, nada mudando até os nossos dias. Lamenta a ausência do combate aos contrabandistas, a falta dos leilões da Alfândega, como antes acontecia e detalha com precisão a construção de nosso primeiro mercado coberto, o Adolfo Lisboa.

Não poupa críticas à falta de prestação de contas do coronel Adolfo Guilherme de Miranda Lisboa, responsável pela administração da capital desde o dia 24 de novembro de 1903, sobre a quantia de três mil contos

de réis, embora reconheça o seu grande trabalho realizado na cidade de Manaus, com embelezamento e construção de grandes obras. Naquele tempo, o prefeito de hoje, tinha a denominação de Superintendente da capital.

Alega em suas páginas que o historiador Antônio Loureiro, ao abordar no seu livro (deve ser *Síntese da História do Amazonas*, pois ele não menciona o título), a grande crise econômica sofrida pela Amazônia com a depreciação da borracha, infelizmente não abordou os temas sociais pertinentes às contingências.

Denuncia que o mal de nossos historiadores é não seguirem as recomendações do grande historiador Oliveira Lima, para quem não se devem dispensar o concurso das ciências fundamentais: a Sociologia, a Antropologia, e principalmente a base de todo discurso histórico, a Filosofia. E conclui o mestre:

É o que não há conosco, pois o que se vê por aí é a grosso modo, a montagem a serviço do plágio mais descarado que já se viu, uma verdadeira teoria de gatunagem com raras exceções, e uma delas é o professor Samuel Benchimol, que nada deve a ninguém nessa proliferação de piolhos de historiador.

Quando o filósofo Mário Ypiranga Monteiro escreveu *Roteiro Histórico de Manaus* em dois volumes, concluindo a obra em 1997, ele já havia sido influenciado

desde 1932, ao ler um folheto que lhe chegou às mãos, com o título *Ruas de Lisboa* e pensou, imediatamente, na elaboração de um trabalho idêntico para a sua amada Manaus. Nessa empreitada contou com a decisiva e fundamental colaboração de seu pai, fornecendo-lhe algumas nomenclaturas antigas das ruas da cidade.

Mas o trabalho foi interrompido logo após o mestre tê-lo iniciado, por questões de ofício, nomeado que foi para professor do curso primário no município de Santo Antônio de Borba sobre o Madeira. Mais uma vez o crítico dispara os projéteis de sua soberba e afiada pena sobre os desacertos administrativos das autoridades governamentais da cidade de Manaus, afirmando no intróito do livro:

A mudança do nome de ruas e praças causa sérios embaraços à atividade administrativa e não seria nem uma nem duas vezes que os jornais reclamavam contra o mau vezo de acender vela para mau santo incensar-se em prejuízo de outro, secionar ruas para satisfazer amigos e memorizar pulhas. O mal de ontem continua. Basta o exemplo do heteróclito estado de confusão gerado pela planta cadastral da cidade na administração do Dr. Araújo Lima. Um médico amazonense, filho de Borba, professor emérito da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro não possui nome de rua (somente de hospital e pouco referido), Dr. Chapot Prevot, o primeiro a realizar a operação de

xipógrafos da América, não possui homenagem, mas Jaques do Pandeiro, que veio a Manaus por três dias exhibir-se a convite do Festival Folclórico foi galardoado com a predicação de uma bestega. E assim canastrões de cinema americano que nunca estiveram aqui, não nos conhecem e nem nunca os vimos mais gordos... Afora outros beatificados apressadamente, de medo das cassações.

Concluindo sua crítica sobre essa verdadeira avacalhação assacada contra a história dos logradouros públicos de Manaus, denuncia o autor, a desarrumação dos serviços administrativos comunais, afirmando que a mesma:

Impediu que o autor, que não porta a força de um Atlas, vasculhasse todos os novos horizontes da cidade, aberrantemente servida pelo desdobramento de bairros e acrescentamento de vias sinuosas, quebradas, curvas, de nomes que enchem de vergonha a cara dos homens de vergonha, logradouros do tipo Saçamotema, que nem os edis sabem o que quer dizer e nem os moradores locais conhecem a procedência. Outros que se esmerem em pilhar este trabalho, e que possuem mais tempo, assentem o juízo e façam como as formigas: trabalhem, cavouquem, abram espaços novos ao conhecimento da História, pois de picaretagem já andamos fartos....

No *Canto de Amor e Saudade*, que abre o roteiro histórico das ruas de Manaus, o autor exibe a exuberância e a magnitude de seu verbalismo, da sua poesia consistente, prosando e nos brindando com um trecho repleto de sentimento e encanto, ao descrever as ruas como seres vivos, com alma, coração, passado e tradições. Vale a pena acompanhar o mestre, caminhando com ele por essas ruas de palavras, calçadas com o diamante da emoção do saber e ajardinadas pelas flores do talento. É um passeio saudoso. Sublime e sem retorno, porque como diz no parágrafo de encerramento do texto, dirigindo-se à sua Manaus querida:

Agora tu és apenas a Capital da Zona Franca onde a fome de ouro auricidiou a tua fama internacional de Urbs aquática. Manaus, enterraram-te no subsolo da História. É por isto que procurei amparar ao menos o teu espírito, a alma do que tu foste. Daquela que não és mais... Nunca mais.

Em verdade, a obra em seus dois volumes é um trabalho de fôlego, uma pesquisa profunda e digna de louvores pela importância biográfica que encerra, pela elucidação de dúvidas e pelas ricas informações sobre fatos de nossa História, ignorados até mesmo pelos que se arvoram de conhecedores.

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO E SUA OBRA

O professor Mário Ypiranga Monteiro é autor de quase uma centenas de obras editadas em Manaus e outras regiões do Brasil e do mundo, com inúmeras pesquisas catalogadas e publicadas em jornais e revistas, tanto na língua portuguesa como em vários outros idiomas e seria cansativo descrever todas elas num pequeno ensaio. Apreciar a totalidade de suas obras seria portar-se diante de uma Enciclopédia Amazônica e cometer erros graves, se a tudo se quisesse interpretar. Há termos e colocações eruditas nas obras do mestre, que apenas a sua argúcia e profundo conhecimento permitem interpretar com precisão e competência.

Entretanto, não nos podemos eximir do direito de informar aos leitores que ainda não conhecem as obras do ilustre historiador, sobre o elenco das mais importantes, pela seriedade do assunto e pela beleza e fascínio do conteúdo. Vale salientar inclusive, que o historiador-pesquisador Mário Ypiranga é um dos autores mais felizes na escolha dos seus títulos. Alguns livros, pelo nome, já nos permitem imaginar e perceber o conteúdo, pela simples leitura do enunciado.

Alguns títulos, dão ênfase ao seu acurado espírito crítico e foram melhor enfocados noutra capítulo, com o título de *Mário Ypiranga—O Crítico Indomável*. Esse singular procedimento dividiu as informações sobre seu trabalho

literário em duas partes, mas enriquece os dois capítulos, não prejudicando o brilhantismo de suas idéias.

O autor começou a elaborar as suas peças literárias como escritor e poeta desde 1927, no esplendor de sua juventude estudantil, quando era aluno do tradicional Ginásio Amazonense D. Pedro II, hoje, Colégio Estadual do Amazonas. Naquele tempo, o estudante Mário Ypiranga, ladeava parceiros de alto nível cultural, líderes de alguns movimentos estudantis, o que muito ajudou na sua formação.

A trajetória publicitária das incursões nas letras, ele começou em 1946, quando fez e editou uma conferência com o título *O Estado Social do Índio Brasileiro*. Neste mesmo ano publicou os ensaios *In Memoriam de Cid Lins* e *Aspectos Evolutivos da Língua Nacional*.

Em 1947, surgiu o primeiro livro histórico: *O Aguadeiro*, vindo em seguida a primeira obra de aspecto relevante na sua trajetória de historiador, sob o título: *Fundação de Manaus*, editada em 1948. Nessa obra, o grande mestre esgota, praticamente, o assunto, narrando desde o descobrimento da Amazônia, quando Pedro Teixeira subiu o rio Amazonas partindo de Cametá em 21 de outubro de 1637, chegando a Paianino, e tomando posse da região no dia 16 de agosto de 1639, em nome da Coroa Portuguesa.

Ainda em 1948, surgiram os livros didáticos de *Elementos de Geografia Geral* (Primeira Série Ginásial), sendo a Segunda Série, editada em 1950, quando também veio à lume a crônica novelesca *O Espião do Rei e Folclore Amazônico*, um notável ensaio em que trata um dos assuntos de sua especialidade, com indiscutível e sábio domínio.

De 1957 a 1959, valendo-se do seu universo de conhecimentos sobre Geografia, escreveu *Geografia Geral e Regional*, para os cursos clássico (humanidades) e científico, adotados no Ginásio Amazonense D. Pedro II, onde foi professor emérito por muitos anos.

Com a obra *Quarta Orbis Pars (A Quarta Parte do Mundo) – Cristóvão Colombo*, de 1951, o amazonense Mário Ypiranga Monteiro alcançou o exterior com sua cultura polimata e recebeu críticas de várias partes do mundo, tendo a *Revista de História da América*, do México, publicado em dezembro do mesmo ano, o seguinte comentário:

A biografia colombiana é cada vez maior em vários países da América como da Europa, sem que deixem de aparecer novas interpretações relativas ao feito do navegador genovês ou às questões conexas ao descobrimento de 1492. É o que demonstra, quanto ao Brasil, recentes trabalhos do especialista Sr. Tomás Oscar Marcondes de Souza, e o livro do Sr. Mário Ypiranga Monteiro,

*intitulado **Quarta Orbis Pars (A Quarta Parte do Mundo)** – Cristóvão Colombo. Com profundo conhecimento da matéria e com espírito crítico que não se deixa levar por noções alheias e preconcebidas, realizou o historiador amazonense, obra das mais interessantes, inclusive quando estuda o significado real da palavra América – concluindo por sua origem nativa – Hélio Viana.*

A primeira série da obra **Roteiro do Folclore Amazonense**, importante repositório de informações precisas sobre nossas origens, costumes e tradições culturais, foi publicada em 1964, e completada por um segundo tomo, em 1974. **O Complexo Gravidez/Parto e suas Conseqüências**, publicado em 1952. No decorrer de 1955 surgiu a interessante narrativa **Duas Danças Amazônicas**, onde o mestre ensina a graça e a tradição de nossos caboclos e índios, com as danças da *Desfeiteira* e do *Arara*.

Em 1953, o grande historiador começa a empolgar com suas colocações críticas e valorizadas sobre a História do Amazonas, esclarecendo pontos divergentes e duvidosos com a importante plaqueta **A Capitania de São José do Rio Negro**.

Alguns anos depois, em 1957, novamente alcança a crítica dos grandes observadores nacionais e internacionais com o livro **O Regatão**, com as mais interessantes notícias históricas sobre o comércio de nosso interior, na sua

grande maioria, desenvolvido por imigrantes judeus, sírios e libaneses que tanto contribuíram para nossa economia e ajudaram os nossos caboclos com sua coragem e determinação.

Vale ressaltar que, segundo informações do próprio autor, a idéia de escrever *O Regatão* nasceu quando ele tinha apenas 11 anos de idade, viajando a bordo de um regatão de quatro faias em direção ao município de Itacoatiara e mais tarde, usando o mesmo meio de transporte fez outra viagem ao rio Mapiá, tendo sido influenciado, decisivamente, nas suas inclinações históricas, a escrever sobre esses povos aventureiros e heróicos.

Ainda em 1957, fez surgir um livro-relatório editado no Rio de Janeiro, por intermédio do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), com o título *Memória Sobre a Cerâmica Popular do Manaquiri*.

Prosseguindo no cultivo da memória, o nosso autor preparou e editou em 1968, a longa história da igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, com o livro *A Catedral Metropolitana de Manaus*, no qual esclareceu, definitivamente, a grande confusão que se fazia e muitos autores ou estudiosos ainda fazem, sobre as datas de fundação da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e a construção da igreja. A primeira foi consagrada em 1965, já tendo completado 300 anos, enquanto a obra da igreja Matriz foi inaugurada em 15 de agosto de 1877, tornando-se Catedral em 27 de abril de 1892.

Além de alguns ensaios e boletins informativos, onde o grande pesquisador escreveu sobre folclore, costumes, tradições, comidas e outros assuntos, divulgados no Rio de Janeiro, Manaus, Maranhão, São Paulo, Fortaleza, Lisboa, em Portugal, Roma, na Itália, Paris, na França, Alabama, nos Estados Unidos, na Alemanha e outros países da Europa, publicou finalmente a obra mais trabalhosa de sua existência literária: *Teatro Amazonas* em três volumes nos anos de 1965 e 1966, surgindo o quarto em 1997.

Essa obra veio consagrar sua notoriedade no Brasil e no mundo, quando por meio de suas incansáveis pesquisas, ele dirimiu dúvidas, esclareceu lendas que se narravam sobre o Teatro e apresentou documentos perdidos, com a colaboração do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, do qual foi presidente.

Estimulado pela repercussão positiva e gratificante do seu trabalho, o escritor Mário Ypiranga, com um fôlego incomum, numa época em que o Estado do Amazonas vivia às escuras, pela ausência do fornecimento normal de energia elétrica, carente de tecnologia, de editoras e sem o mínimo resultado financeiro para quem ousasse fazer cultura por meio da edição de livros, publicou em 1972, a terceira edição do livro *Fundação de Manaus*, e a quarta em 1995.

Na sua série *Turismo*, houve uma repetição dos temas publicados em livros, onde o mestre assume a partir de

1972 vários títulos, como: *Teatro Amazonas, Comidas e Bebidas Regionais, Manaus – Sua História, Artesanato Popular, Danças Dramáticas, Alimentos preparados à base da mandioca* (vencedor do prêmio Sílvio Romero) em 1963 e outros.

Em 1976, ele resolveu fazer um longo e formidável histórico da cultura amazonense, escrevendo o livro *Fatos da Literatura Amazonense*, enfocando o assunto desde o período colonial, descrevendo o Classicismo do Período Barroco, o Arcadismo, o Néo-Classicismo, o Pré-Indianismo, chegando ao Romantismo e ao Indianismo, com a biografia e citação dos nomes de grandes homens em cada período, fazendo uma análise completa e inteligente sobre o assunto.

Foi mais além em 1977, historiando a cultura amazonense com as obras: *Fases da Literatura Amazonense, História da Cultura Amazonense*, 1º volume, além de ter historiado antes, monumentos e instituições, como a *História do Monumento da Praça de São Sebastião*, em 1972, *Síntese Histórica da Polícia Militar do Amazonas*, em 1981, a *Antropogeografia do Guaraná e Ceramografia Amazônica*, em 1965.

Sobre algumas dessas narrativas realizadas em livros, conferências ou pequenos ensaios, o intelectual Mário Ypiranga, recebeu a seguinte citação no Diário de Comércio e Indústria de São Paulo, em 4 de julho de 1974, feita pelo jornalista Abguar Bastos:

*Mário Ypiranga Monteiro já tem nome, de há muito tempo, inscrito entre os dedicados e abalizados pesquisadores do folclore nacional, com especialidade na área amazônica. De sua série de importantes trabalhos monográficos participaram **Comidas e Bebidas Regionais, História do Monumento da Praça de São Sebastião, Folclore da Maconha, Memória sobre a Cerâmica Popular do Manaquiri** e outros estudos sobre festas, lúdicas, costumes e casos regionais. Mário Ypiranga Monteiro, além de seus livros, tem apresentado em revistas e jornais, resultados relevantes de suas pesquisas, que vêm merecendo a justa atenção dos estudiosos.*

Destacam-se ainda, entre as obras do historiador: ***Negritude & Modernidade, Cultos de Santos & Festas Profano-Religiosas, O Sacado*** (prêmio Estelita Tapajós), ***Roteiro da História de Manaus, Cobra Grande (lenda-mito), Mocidade Viril – 1930 – Motim Ginasião, Danças Folclóricas Singulares do Amazonas, A Renúncia do Dr. Fileto Pires Ferreira, Carros & Carroças de Bois, Elogio do Lixo*** (artesanato popular), ***Dalila (Mimo), Notas Sobre a Imprensa Oficial do Amazonas, História das Ruas de Manaus, Elogio Sentimental dos Bichos Amazônicos, Aspectos da Cultura Amazônica, A Ceia dos Cozinheiros*** (teatro), ***Capela do Pobre Diabo***, mais recentemente, editou ***O Tigreiro, O Atravessador*** e uma série de escritos para teatro, rádio e novelas.

Na obra *Negritude & Modernidade*, ele faz uma justa homenagem ao engenheiro e militar maranhense Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, governador do Estado do Amazonas, e sem dúvida, como afirma o governador Vivaldo Frota, na apresentação do livro, por ocasião de sua publicação em 14 de outubro de 1990:

Uma homenagem do historiador amazonense ao administrador que soube aproveitar-se da oportunidade econômica para apressar o desenvolvimento da cidade onde nasci. Do que ele realizou, produto de suas idéias próprias ou de projetos sancionados, faz-se aqui o reconhecimento imorredouro, grava-se a nossa gratitude perpétua.

Nesse livro, o mestre maior da nossa história, biografando com mestria o Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro fazendo uma análise completa da situação sócio-econômica e política da época, ilustrando o trabalho com fotos do século XIX, que arrebatam a paixão de qualquer amazonense, para um esplendor que não retornará jamais ao Amazonas com a mesma intensidade.

Lembra o historiador Mário Ypiranga Monteiro, que o governador Eduardo Ribeiro apesar de comprovar ser um político astuto e inteligente, não conseguiu governar o Amazonas com o apoio de seus aliados e os adversários do partido Nacional nunca o perdoaram, denegrindo sua obra com infâmias e injúrias, por meio da imprensa.

Somente por intermédio do livro *Negritude & Modernidade*, podemos tomar conhecimento da grande infelicidade que atingiu o Dr. Eduardo Ribeiro, após deixar o governo. Como menciona o professor:

Completamente abandonado pelos amigos, detestado pelos inimigos, deveria refugiar-se na mais humilhante das posições, se é que já não estava desde muito em situação de não poder conter-se. Sem família constituída, sua casa da rua Dr. José Clemente Pereira, deveria ressentir-se com a falta de uma esposa e de crianças. A mulher existia, com quem teve um filho, mas era obrigada a viver no anonimato, na triste situação de apenas concubina".

Na opinião do crítico Mário Ypiranga Monteiro após o período de governo do Dr. Eduardo Ribeiro, só houve um homem preocupado com o embelezamento da cidade, o Dr. José Francisco de Araújo Lima, médico paraense que ocupou a Prefeitura de Manaus e foi responsável pela construção do Relógio Municipal da Av. Eduardo Ribeiro, além de muitas praças e jardins.

O livro *História do Monumento à Província*, da série patrimônio, foi editado em 1981 pela Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, e escrito em homenagem ao presidente e fundador da Província, João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, que elevou a Comarca do

Alto-Amazonas em 1850, mediante a Lei n.º 582, de 5 de setembro, à categoria de Província.

O Monumento à Província teve a sua construção autorizada pela Lei n.º 617, de 12 de junho de 1883, quando governava a Província do Amazonas, o Dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá e foi mandado erigir na praça Vinte e Oito de Setembro, hoje com o nome de Tamandaré.

Na obra o fantástico professor esgota os detalhes, dá o nome dos construtores do monumento, o valor da obra, faz o histórico dos precedentes e narra fatos informados pelo pai de João Batista, o professor Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, um dos expoentes da literatura amazonense no século XIX. Aborda no decorrer de suas narrativas, as dúvidas com datas, explicações políticas sobre a validade da intenção de se construir o monumento, esclarecendo muitas controvérsias criadas no final do século XIX e primeiras décadas do século XX.

Outro documento histórico e interessante de sua lavra é o opúsculo *Memória Sobre o Aeroclube do Amazonas* editado em 1990, constando de um memorial, onde o professor Mário Ypiranga lamenta um fato que tem sido rotina em nossas instituições: a falta de arquivo e memória. Sobre esse crime de descaso e ausência de amor às nossas raízes, ele comenta:

A má conservação do acervo documental do Aeroclube do Amazonas, valendo-se o autor de outras fontes não menos precárias e do depoimento valioso de pilotos, além de memórias fotográficas e recortes de jornais.

Para concluir com sucesso esse trabalho literário, ele contou mais uma vez com a colaboração inteligente e fundamental de sua dedicada filha, a pesquisadora Marita Socorro Monteiro. Narrando episódios de supostas invasões e querelas entre os Estados do Pará e Amazonas, o historiador torna empolgante o tema, promovendo uma leitura emocionante e gostosa de se conhecer.

Na poesia, tem-se notícia do poeta Mário Ypiranga Monteiro, por meio do livro *Dona Ausente*. Composto de um tema que insinua um amor jamais realizado, com 12 poemas, esse trabalho foi dado à lume, anteriormente, através do Jornal do Comércio nos idos de 1940, com o título de *Filigranas*, assinado com o pseudônimo de Chester, um poeta desconhecido.

Como confessa o próprio autor Mário Ypiranga Monteiro, o título de *Dona Ausente*, foi inspirado em Mário de Andrade. Os versos que compõem o poema, provavelmente lavrados pelo autor entre 1929 e 1930, foi editado em 1981 pela Imprensa Oficial do Amazonas, merecendo do acadêmico da Academia Amazonense de Letras, o emérito escritor Genesino Braga, uma crônica no

Jornal do Comércio de 3 de julho de 1977, quando o grande imortal afirma:

*Foi pois, como poeta, - e Poeta do Amor Ausente – que o sisudo mestre de hoje, o catedrático-titular na Universidade, o historiógrafo da Amazônia, iniciara a sua triunfal caminhada literária. E foi ainda como poeta que, poucos anos depois, tivera atraída para o seu talento e para o seu saber a atenção do conspícuo Adriano Jorge, através de outros sonetos de sua lavra – **O Satã** – que merecera do laureado presidente da então toda prestigiosa Academia Amazonense de Letras, louvores consagradores.*

O Tigreiro, livro concluído em 1987, teve a sua edição ao público em 1997, pela Editora da Universidade do Amazonas. O tigreiro representou na época colonial a figura pública ou particular do coletor de excrementos, posto que a cidade da Barra e de Manaus, ainda no império, não possuíam hospitais ou esgotos. Segundo nos informa o autor, às páginas 17 da obra;

O primeiro esgoto que se tem notícia em Manaus, partiu do alto da praça da Imperatriz para o rio Negro, em 1866, segundo aprovação da Assembléia Legislativa Provincial em outubro.

As pessoas encarregadas dessas tarefas, representadas pelos índios, escravos e empregados de empresários,

transportavam os tigres (barris de 25 almudes), com excrementos e jogavam em locais determinados pela Prefeitura, a fim de amenizar os problemas da saúde pública, pela ausência de saneamento básico, serviços de esgotos e outros tratamentos mais adequados para a higiene. Como alerta o professor Mário Ypiranga, são fatos da história social de Manaus, que precisam ser contados para as novas gerações.

No livro, o historiador faz um belo registro em homenagem ao Dr. Jorge de Moraes, um dos lutadores pelos melhoramentos da cidade com técnicas e estéticas mais modernas. Lembra que a rua de Rui Barbosa, tinha antes o nome do dedicado médico, que nela morava e pelo trabalho importante fora homenageado com o nome da rua. Sobre essa obra, retornaremos ao assunto no capítulo em que trato das críticas do professor.

Alvorada Redentora, mostra um outro estilo do escritor Mário Ypiranga Monteiro produzindo uma peça de teatro, retratando a Revolução de 1835, época em que se lutava pela autonomia do Amazonas e foi representada em 1951 ao ar livre, na avenida Eduardo Ribeiro pelo grupo de teatro *Américo Alvarez*.

Vale salientar que até a década de 1980, a avenida Eduardo Ribeiro era o palco onde se apresentavam todos os espetáculos populares, sendo o carnaval amazonense o mais ansiosamente aguardado pelo povo num ambiente em que reinava a beleza, a elegância, a alegria, com muito

respeito e segurança. Não há quem, tendo conhecido a Manaus daquela época deixe de sentir saudosismo e carência de felicidade e paz.

No tema novela, o professor além de ter escrito *O Espião do Rei*, fez através da Rádio Baré a apresentação do texto *A Noite do Passado*, no ano de 1950, quando o jornalista, ator e locutor Josaphah Pires, chefiava o elenco artístico da emissora.

Nas suas multifacetadas literárias, o mestre publicou o romance policial exibido em capítulos no Jornal A Gazeta de Manaus, sob o título *O Mistério do Solar Maglione*, além de um disco patrocinado pelas Edições Paulinas de São Paulo, em 1983, o qual foi animado e interpretado pela cantora Ely Camargo. E no final deste século, graças à sua saúde invejável, lucidez que seduz e encanta quem com ele conversa, suas produções prosseguem fecundas e belas. E todos nós estamos aguardando...

SAMUEL ISAAC BENCHIMOL E SUAS ORIGENS

O professor Samuel Isaac Benchimol nasceu em Manaus, no Amazonas, no dia 13 de julho de 1923, filho de Isaac Israel Benchimol e Nina Siqueira Benchimol. Casado com a Sra. Mery, o casal teve dois filhos: Jaime e Nora. Seu pai era um homem de situação financeira sólida e empobreceu durante a crise da borracha exercendo as atividades de regatão, aviador e seringalista na região do rio Abunã, sudoeste da Amazônia Legal, nas proximidades do Estado de Rondônia.

Tendo nascido numa conjuntura histórica em que o ciclo da borracha na Amazônia desabava do seu esplendor de quase meio século, iniciado desde 1870, deteriorando a economia da região e atingindo de frente e impiedosamente, os Estados do Acre, Pará e Amazonas, Samuel Benchimol testemunhou o fracasso financeiro de sua família, além de ver grassar em toda a região, pobreza, miséria e doenças, onde a luta dos soldados da borracha sofria nova derrota a cada dia.

Tendo sido acometido de malária, Samuel Benchimol foi transferido da Fortaleza de Abunã, onde ficavam os seringais São Luiz e Guarapari, para Porto Velho e lá, era levado diariamente a um posto médico, nos braços de um simples vizinho, submetendo-se ao tratamento por meio de injeções de quinino no Hospital da Candelária, na saudosa estrada de ferro Madeira-Mamoré.

Naquele tempo de muita desvantagem na luta pela sobrevivência, a dedicada Dona Nina, sua genitora, foi importantíssima no sustento da família, confeccionando vários tipos de roupas para os seringueiros, ganhando algum dinheiro, mandando em seguida os filhos para Belém, no Pará. Samuel Benchimol, na infância dos seus sete anos, ainda não aprendera a ler e escrever, vítima das dificuldades contraídas com a malária, doença que dizimava centenas de vidas no interior da Amazônia, além de outras epidemias tropicais ainda hoje, infelizmente, não erradicadas de nossa convivência.

Na cidade de Belém, sob os cuidados de sua avó Alice, após muito sofrimento, acabou vencendo a doença, tendo conseguido matricular-se, finalmente, no Colégio Progresso Paraense, onde concluiu o curso primário.

Como relata o próprio professor, quando a Amazônia ingressou na década de 1930, a partir de 1932, o caos atingiu em cheio a nossa economia. A *hévea brasiliense* havia perdido tão acentuadamente o valor comercial no mercado internacional, que o preço aviltante conseguido pelos produtores em Manaus, não dava para custear o seguro e o frete cobrado pelos navios transportadores de nossos produtos até o mundo europeu.

Com o ápice da crise, o Sr. Isaac Samuel Benchimol mais tarde viajou para Belém em busca de montar algum negócio e o jovem Samuel Benchimol ainda estava por lá, cursando o Colégio Progresso, quando as esperanças de

ser feliz com a família, novamente unida, renasceu em seu coração. Mas, o desemprego de seu pai perdurou por quase um ano, até o retorno para Manaus em 1933. Aqui desembarcado, o Sr. Isaac reiniciou a vida na atividade profissional de guarda-livros, nome como era conhecido naquele tempo a figura do contabilista.

Servindo a várias empresas de Manaus, como Philippe Daou & Cia. Ltda., José Tadros & Cia, M.E. Serfaty e Solon Benemond, seu pai voltou a estabilizar a situação financeira e o dedicado professor Samuel Benchimol, a ter certeza de que todos os seus sonhos estariam mais próximos da realidade. E sem dúvida, foi a envolvente e insinuante cidade de Manaus que o viu nascer, o testemunho maior das sucessivas e vitoriosas atividades nos mais diversos campos profissionais, onde se destacaram o magistério público, privado, a pesquisa científica, o setor empresarial e a dedicação sem tréguas ao estudo da Amazônia.

O mestre, ao escrever a obra *Amazônia – Um Pouco-Antes e Além-Depois*, não esconde a sua performance desde os 16 anos de idade, quando com muita dedicação e esforço, costumava sobressair-se aos colegas, exercendo liderança e motivando ações estudantis.

Retornando a Manaus prosseguiu os estudos, tornando-se aluno do Ginásio Amazonense D. Pedro II e um apaixonado pelas pesquisas, nunca mais abandonando os livros. Logo no primeiro ano letivo no novo colégio

alcançou a primeira colocação entre os colegas, passando a merecer o respeito e a atenção de todos eles.

Quando iniciou seu brilhante curso de Direito em 1941, o mundo estava mergulhado na Segunda Guerra Mundial e o Amazonas nadava em crises. Naquele tempo, a não ser o curso de Direito, nenhuma outra opção existia para os jovens amazonenses, a não ser viajar para o Sul do país ou para o Rio de Janeiro, Bahia e outros Estados em busca de formação universitária nas demais áreas.

No tempo em que estudou na Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas, o bacharel Samuel Benchimol desempenhava as funções de despachante de bagagens na empresa Panair do Brasil, exercendo essa atividade no *Roadway* de Manaus, no famoso cais flutuante. Na Panair, mantendo contato com os imigrantes cearenses que aportavam em Manaus, nasceu a idéia para uma das mais importantes teses que elaborou **O Cearense na Amazônia.**

Nessa atividade, ele conheceu outro extraordinário amazonense, o hoje Ministro do Supremo Tribunal Federal, Dr. Francisco Xavier de Albuquerque, irmão do intelectual e competente empresário Nathaniel Lemos Xavier de Albuquerque. Trabalhava duro durante o dia e lecionava Economia Política na Escola de Comércio Solon de Lucena durante a noite, cuidando das pesquisas nas horas vagas.

Em 1945, formou-se em Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas, cuja turma teve o nome do jurista Clóvis Beviláqua e já se libertara, na mesma época, do compromisso patriótico com as Forças Armadas do Brasil, tornando-se Oficial da Reserva, através do Núcleo de Preparação de Oficiais (NPOR), com outros alunos da mesma Faculdade.

Consagrado como orador da turma, o advogado Samuel Benchimol pronunciou seu discurso, discorreu uma tese de bacharelado sob o título: *O Bacharel no Brasil: Aspectos de sua influência em nossa história social e política*, e começava a despontar naquela noite de 21.12.1945, um autêntico intelectual da Amazônia, hoje o mais conhecido amazonólogo existente, com teses, estudos e pesquisas das mais significativas para o nosso país e para o mundo, tornando-se, incontestavelmente, um verdadeiro imortal, ainda hoje não recebido na Academia Amazonense de Letras.

O brilhantismo dos estudiosos e homens de cultura da década de 1940, vitoriosos como o bacharel Samuel Benchimol, deve ser avaliado na sua plenitude, porque a sua turma de formandos, como outras que ocorreram no Brasil em 1945, concretizou o curso no cenário da Segunda Guerra Mundial, num mundo em crises, sem perspectivas de futuro, quando a maioria das grandes nações estava reconstruindo suas cidades, monumentos, entidades, obras de artes, a própria vida humana e a

natureza, dizimadas pela perversidade dos conflitos dominantes.

Formado em Direito e já tendo apresentado uma vitoriosa tese sociológica e antropológica, fundamentada em seríssimas pesquisas, quando teve oportunidade de realizar estudos de imigrantes, baseado nas atividades exercidas na Panair do Brasil, sob o título *O Cearense na Amazônia*, ele confiava na sua capacidade e estruturou um escritório jurídico, estabelecendo-se na rua Henrique Martins com o parceiro Manary Vasconcelos Mendes.

Mas logo nos primeiros casos patrocinados o emérito professor percebeu as dificuldades em digladiar na época, com causídicos renomados como o Dr. Raimundo Nonato de Castro, um verdadeiro artista da Ciência Jurídica no ramo do direito Penal, tinha pela frente o professor Lúcio Fonte de Rezende, especializado em Direito Civil, além de outros grandes nomes como os de Aristides Rocha, Waldemar Pedrosa, Leopoldo Péres, a mestria de um Análio de Rezende, de um Huascar de Figueiredo, causídicos consagrados nas salas das audiências. Esses fatos, juntaram-se ao seu interesse pelos estudos de geografia humana, sociologia e economia, que desde cedo passaram a ser objeto principal de suas pesquisas.

Advogando na cobrança de títulos e vez por outra enfrentando a fúria policial de alguns delegados nas portas das penitenciárias de Manaus, Samuel Benchimol, vivia,

realmente, dos salários de professor de Economia Política na Escola Solon de Lucena.

Com muita sabedoria continuou a enveredar no labirinto das letras, no fascínio das pesquisas, no mundo maravilhoso do estudo profundo e nas aventuras dos sofrimentos e alegrias do comércio, que são reservados aos homens empreendedores. Foi iniciado nas atividades empresariais pelo seu pai, na ausência de outras perspectivas de sobrevivência uma vez que decidira viver em Manaus, ao invés de emigrar para outras cidades, como fez a maioria dos colegas de seu tempo.

A sua grande paixão foi sempre os estudos sociais e assim partiu para novos trabalhos de pesquisa e estudos, conquistando espaços na mídia nacional, ganhando respeito e admiração dos amigos e contestadores, e a Amazônia, o Brasil e o mundo começaram a receber ensinamentos por meio de teses incontestáveis sobre a natureza Amazônica, seu povo, economia e sobre a importância da biodiversidade para o planeta Terra.

A tese *O Cearense na Amazônia*, embora tenha dado ao professor Samuel Benchimol, uma notória repercussão internacional, como grande pesquisador, não ingressava na sua mente a idéia de sobreviver como intelectual ou profissionalmente, posto que Manaus jamais deixou de possuir as características de uma província desintegrada do país. Mas essa cruel realidade financeira como resultado de estudos e pesquisas, não o desanimou,

surgindo em seguida uma monografia *Vista-Alegre e Beira-Mar: um estudo de geografia e ecologia das calamidades na Amazônia*, a qual deveria ter sido apresentada no Congresso Internacional de Geografia, em Portugal, na cidade de Lisboa no ano de 1946, mas foi interrompida em virtude de haver obtido uma bolsa de estudos para fazer o tão desejado mestrado nos Estados Unidos. Assim, cursando a Universidade de Miami, em Oxford, no Estado de Ohio, assumiu o compromisso de lecionar português na mesma Universidade, tendo obtido o grau de mestre *strictu sensu* em sociologia e economia, o primeiro título desse gênero obtido por um amazonense de sua geração.

A tese de mestrado recebeu o título *Manaos – O crescimento de uma cidade no vale Amazônico*, elaborada entre 1946 a 1947. Esse notável trabalho de pesquisa, que não chegou a ser editado como ensaio, constituiu uma das primeiras abordagens históricas da cidade de Manaus, do ponto de vista social e ecológico, com inúmeras citações de outros autores como Bertino de Miranda, Alfredo da Matta, Agnello Bittencourt, Arthur César Ferreira Reis, Mário Ypiranga Monteiro e outros nomes de nossa literatura.

Nessa tese ele versa sobre a nossa natureza, nossa gente, os primórdios de nossa colonização, tendo sido elaborada em inglês na sua forma original com 130 páginas, que constitui ainda hoje, um rico acervo de informações e análises. Ele escreveu o assunto, dividindo-o em questões

que vão desde a evolução urbana de Manaus, num panorama existente na época de 1946 a 1947, logo após a Segunda Guerra Mundial, trazendo-o até o fluxo da vida, tendências e perspectivas de uma cidade encravada no meio de uma floresta tropical e gigantesca. Num dos trechos, vemos o que diz o mestre sobre as vicissitudes de Manaus:

A cidade não é produto de um homem só, porém, o resultado de uma integração de fatores geográficos, econômicos e humanos, operando ao longo de várias gerações.

Nesse importante trabalho com o qual defendeu o seu mestrado, ele enfocou o crescimento demográfico da Amazônia e informou que a população de Manaus passara de 50.300 pessoas existentes em 1900, para 106.399 em 1940, de acordo com o último censo demográfico. Nesse mesmo período, a população do Estado do Amazonas, juntamente com a do Acre, segundo estudos do professor Benchimol, havia crescido de 249.756 pessoas em 1900, para 517.776, em 1940.

Na década de 1940, Manaus se fixava num enorme quadrado demográfico que circundava a sua geografia abrangendo os bairros de São Raimundo, Adrianópolis, ingressava na Cachoeirinha e aportava no Educandos, todos eles direcionando suas ações para o centro, onde havia a Eduardo Ribeiro e pequenas ruas mal traçadas.

Em 1947, o esforço universitário da *Miami University* concluiu seu curso de pós-graduação, passando a ter no preâmbulo do nome, o título de Mestre em Ciências Econômicas e Sociais. Terminando o mestrado, logo em seguida vieram os honrosos convites de alguns amigos e mestres, a fim de que o mesmo prosseguisse a viver nos Estados Unidos, em busca do notável título de Ph.D (*Philosophiae Doctor*) tendo recebido inclusive, uma bolsa de estudos para cumprir tal destino, na Universidade de *Syracuse*, em Nova York.

Mais uma vez as atrações de um Paraíso Verde e fascinante, apertaram no peito distante e cheio de saudade, removeram seu coração caboclo e a paixão amazonense gritou mais alto, no fundo de sua alma. O destino amazônico ansiava pela sua volta.

Temeroso de não mais voltar para o Amazonas, Samuel Benchimol sucumbiu movido pela saudade e amor pela terra que o viu nascer, e apressadamente, perdeu uma coroação maior na carreira, retornando para recomeçar as pesquisas e ensinar, como tem feito, várias gerações de universitários amazonenses.

Eu, que fui seu aluno na Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas em 1960, citado no livro *Amazônia – Um Pouco-Antes e Além-Depois*, como estudante destacado, e hoje, novamente mencionado na obra *Amazônia – Formação Social e Cultural* como escritor e historiador amazonense, posso dar meu

testemunho da sua competência e de como ele é querido entre nós.

Antes de ingressar na Faculdade de Direito como professor catedrático mediante concurso, não seduzido pela Ciência Jurídica, incursionou na política. Mas ainda estreante foi decepcionado pelos acordos de coligações, pelos conchavos e com uma votação que não ultrapassou os 100 votos, encerrou a carreira. Sem dúvida, mais uma vez, a inteligência o despertou, porque não é difícil compreender o destino de um homem que põe a intelectualidade acima de quaisquer outras missões.

Assumindo outro desafio em sua vida, passou a colaborar com seu genitor na empresa da família, trabalhando com representações comerciais, dando início a uma das mais empolgantes e vitoriosas atividades - a de empresário, na qual desponta hoje como líder do grupo Bemol nas empresas Bemol-Fogás, um dos mais tradicionais conglomerados da Zona Franca de Manaus.

Ao defender sua cátedra na Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas, para lecionar Economia Política, o pesquisador Samuel Benchimol teve pela frente o laureado professor, saudoso advogado e ex-governador do Amazonas, Dr. José Benardino Lindoso que, obteve o segundo lugar alcançando assim o grau de doutor e livre docente, passando a lecionar Direito Civil.

A tese de doutorado, intitulada *Ciclos de Negócios e Estabilidade Econômica – Contribuição ao Estudo da Conjuntura* foi elaborada em 1953, editada em 1954 e nela o autor fez uma análise do período do pós-guerra, enfocando os problemas de forma pioneira, nas variações cíclicas, denunciando o descaso das investigações sobre o assunto, em nível mundial.

Na condição de professor de várias gerações amazonenses, o economista e bacharel Samuel Benchimol passou a homenagear os alunos mais destacados na sua cadeira de Economia Política, no curso de Bacharel em Direito, criando duas ordens de classificação: Cobras e Buiúças, respectivamente, para os que alcançaram a partir do ano de 1955, as melhores notas ou uma nota máxima no período escolar, e os que conseguissem a máxima das máximas ou dois 10 consecutivos.

Eu fazia parte da ordem dos cobras, o que considero uma façanha em meu currículo, pois trabalhava em horário integral na Petróleo Brasileiro S/A - Petrobras, de segunda a sábado, tendo que laborar, extraordinariamente, para cumprir prazos com a Base da Empresa sediada em Belém, no Pará. Foi um período difícil e de muito sacrifício em minha vida, porque eu era obrigado a pagar o horário das aulas, compensando com um expediente mais longo.

Outro grande momento na vida do catedrático Samuel Benchimol, acostumado a grandes triunfos intelectuais,

ocorreu no dia 24 de novembro de 1971, quando ele discursou em homenagem ao coronel Jarbas Passarinho, um dos homens de maior prestígio do Brasil, naquela época, quando foi agraciado com o título de Doutor *Honoris Causa*, pela Universidade do Amazonas. Inclusive, quando trabalhei na Petrobras, o coronel Jarbas Passarinho era o Chefe da Base sediada em Belém do Pará e gozava da estima e admiração de todos os seus subordinados na Amazônia.

No brilhante discurso ele ressaltou o grande impulso dado à educação no Brasil, quando o ilustrado político brasileiro foi Ministro da Educação, deixando esse acreano-paraense, amante e dedicado à Amazônia em profunda emoção.

Ao saudar os bacharéis em Direito, turma de 1973, encontramos no seu discurso, sábias palavras de advertência técnica para o mundo, comprovando acompanhar passo a passo a mudança universal dos comportamentos do homem e da natureza, senão vejamos:

Os recursos naturais, humanos, patrimoniais e tecnológicas, que deveriam servir de elo de confraternização e interdependência entre os povos, passaram a ser utilizados como meios de dissuasão, pressão e domínio. Por isso, não causa mais surpresa nos dias correntes quando alguns povos utilizam os seus recursos naturais como arena de político

beligerante. A mais recente delas, a arma-petróleo, ameaça destruir a base da produção e da própria vida. Outros povos seguirão em breve o mesmo exemplo, e então se falará e se usará a arma-trigo, a arma-kilowatt, a arma-proteína. A nós, da Amazônia, resta o consolo, nessa linha apocalíptica de raciocínio, de saber que quando se atribui à nossa floresta a função de pulmão do mundo, a humanidade, sem saber, estava criando a mais terrível das armas jamais surgida na face da terra: a arma-oxigênio, que um dia poderá asfixiar a todos e a nós mesmos...

Vale salientar que quando escreveu essas palavras em 1973, o mundo, através das grandes potências, dava início às investidas de conquistas contra a Amazônia, com pretensões de co-proprietários de uma natureza que é nossa. As declarações de autoridades internacionais, governantes de países desenvolvidos, de generais estrategistas em conflitos bélicos, são graves e capazes de nos convencer desse desejo de ocupação da Amazônia.

Contam esses conquistadores em andamento, com a passividade monstruosa, inequívoca e estranha sob todos os pontos de vista, do governo brasileiro, que a tudo assiste como se nós próprios, habitantes da Amazônia, fôssemos os únicos interessados na preservação das riquezas e na integração da região Norte. Vivem de costas

para o manancial natural mais cobiçado na face da Terra, aguardando uma invasão que tem sido programada lentamente, de forma eficiente, sutil e catastrófica para o nosso futuro.

O atual presidente da república, Sr. Fernando Henrique Cardoso, até declarações desanimadoras sobre a nossa soberania, já fez, quando disse sem o mínimo conhecimento de causa:

O Governo Brasileiro não tem estrutura para combater o desmatamento na Amazônia, bem como também não tem condições práticas de frear a destruição da natureza.

A Índia e a China, responsáveis hoje por um terço da população mundial do Planeta, são exemplos do que poderá acontecer à humanidade, quando os alimentos começarem a ficar mais escassos do que já se encontram, ou quando a água potável ingressar no processo de decadência e as pessoas começarem a morrer de sede e outros males causados pela sua falta, como algumas doenças contraídas pela falta de higiene, inanição e desidratação.

Quando o autor publicou em 1944, a sua brilhante pesquisa intitulada *O Cearense na Amazônia*, constituindo-se no primeiro ensaio antropogeográfico de sua lavra, cursava ele ainda o 4º ano da Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas e ao mesmo tempo

vivia no *Roadway* da *Manaus Harbour* acompanhando as levadas de cearenses que aportavam em Manaus, seduzidos pela hegemonia que a borracha houvera marcado na Amazônia.

Era ele quem despachava as bagagens desses viajantes, no flutuante do Panair do Brasil e por um período de 10 meses, embrenhou-se na pesquisa dessa avalanche migratória e com essa obra, ganhou o prêmio *José Boiteux* no X Congresso Brasileiro de Geografia. Usou como metodologia de trabalho, o inquérito e as entrevistas para as suas investigações, e na época constituiu-se no único documento a registrar esse importante deslocamento e entrosamento entre irmãos de Pátria. O Amazonas passou a ter no seio de seu povo, o cearense descendente, enquanto este mesclava a sua raça com os nossos consangüíneos. Hoje, dificilmente encontramos em Manaus uma família, totalmente, isenta das raízes cearenses.

Provando ser também um competente romancista, o escritor Samuel Benchimol ao descrever os paralelos entre o homem do Nordeste e o caboclo da Amazônia, o faz com beleza poética e uma colocação brilhante, capaz de comover a todos com palavras inequívocas e bem colocadas sobre o tema. Diz na obra *Amazônia – Um Pouco-Antes e Além-Depois*:

O paralelo entre essas duas Amazônias é impressionante. Na primeira, a conquista, o

povoamento, a fronteira, a economia, a alimentação, a vida gira em função do rio e da montaria – a geografia nômade e o veículo móvel. Quase não se vê ninguém dizer: “Sou filho de Porto Velho, de Lábrea ou de Santa Izabel”. A terra não tem expressão humana. O homem vive para o rio. Ele diz, portanto: “Sou filho do Madeira, nasci no Purus, vim do rio Negro”. A própria borracha é do rio. O seringal não é rico. O rio é que é “bom de leite”, os acontecimentos sociais de significação na vida regional. São filhos do rio, nunca da terra ou da cidade. O caboclo quando fala de si próprio afirma em sua linguagem: “Casei-me no Madeira, batizei-me no Solimões, ele morreu no Juruá”. Essas é que são as expressões legitimamente amazônicas.

Para os que possuem raízes cearenses, vale a pena ler os depoimentos do pesquisador Samuel Benchimol sobre essa migração gigantesca, pela emoção dos nativos, e, principalmente, pela seriedade, firmeza das colocações e pela verdade dogmática de seu conteúdo.

Entendo que estamos nesse final de século, necessitando de alguém com a capacidade do professor Samuel Benchimol para elaborar uma tese-denúncia sobre o êxodo rural no Amazonas, onde os políticos, autoridades e outros organismos parasitas da Nação estão permitindo o esvaziamento do interior, transformando Manaus num agasalho social, político, financeiro e demográfico do

maior Estado da Federação. Manaus é hoje uma capital-Estado sem integração.

Tenho escrito em artigos de jornais, livros e conferências, sobre a criação de mais alguns municípios para o Estado do Amazonas e insisto que Manaus deve ser dividida pelo menos em mais dez cidades, porém sinto que o assunto não interessa aos atuais governantes que unindo Prefeitura de Manaus e Estado, assumem toda a arrecadação para um só destino, já que 98% do erário público do Amazonas são originários de Manaus, representando inclusive, um disfarce junto ao Governo Federal sobre a verdade do nosso interior.

Erradamente, e por incrível que pareça, alguns de nossos políticos defendem a criação de novos Estados na Amazônia, entregando partes territoriais do Amazonas e regiões vizinhas para tais fins, nascendo novos filhos órfãos da Nação, que nem mesmo pode atender os anseios dos Estados existentes.

Hoje, após assistir a tanta perversidade contra o nosso interiorano, e, se no interior eu morasse, preferiria pertencer a outro Estado ou país. No cenário da fome, da miséria e do desprezo, qualquer aliado será bem vindo, seja ele do Brasil ou do exterior. Se quem deveria nos proteger, não nos protege, se quem nos deve não nos paga, não é difícil se passar a vender para quem nos paga melhor e sinaliza proteções.

Sobre a assertiva de que o homem do rio é a antítese do homem da seca, Samuel Benchimol elaborou o mais perfeito diagnóstico sobre o imigrante cearense na Amazônia. Seu relato sincero, sobre *O Cearense na Amazônia*, está repleto de poesia e realidade, porque ele fundamentou seu ponto de vista explorando o contraste humano e geográfico entre a gente da Amazônia e o povo do Nordeste. Exatamente, esse povo patriótico do Ceará fez o interior do Amazonas florescer por todo o período esplendoroso de nossa *hévea*.

Quando o professor escreveu em 1992, a obra *Romanceiro Antropológico da Batalha da Borracha*, como ele mesmo atesta foi uma recomposição de sua tese de 1944 *O Cearense na Amazônia*, com alguns acréscimos, nova adaptação no sentido sociológico, antropológico e filosófico

Prosseguindo com poesia amazônica a descrever nossas agruras e heroísmo, esse festejado amazonólogo afirma que o homem na Região Amazônica marca o regime da vida, e é, a bem dizer, a estação na economia do caboclo. O rio, segundo sua apreciação, tem expressão econômica e sociológica na psicologia da vida amazônica. Sem ele o nosso caboclo não vive...

Com astúcia e inteligência, dividiu na obra, a hegemonia da *hévea* em dois períodos: *Batalha da Borracha I e II*, respectivamente, enfocando os períodos de 1850 a 1915 e de 1942 a 1945. Segundo ele, esses períodos permitiram o

surgimento de uma consciência brasileira sobre os erros de um passado de angústias, sofrimento, solidão e o início de novas tentativas de acerto para encontrarmos soluções mais racionais para a Amazônia, para a nossa inexperiência internacional e inocência interna.

A Batalha da Borracha II, decorreu em conseqüência das discórdias, ameaças e insultos contra a Amazônia empobrecida, desarticulada e falida, onde sempre o homem do interior padece com maior intensidade, pelo isolamento e falta de assistência. Hoje, nada mais seduz o caboclo, como nada também consola o nosso índio explorado e expulso de suas terras. O êxodo rural, fenômeno existente no mundo inteiro é mais dramático na Amazônia, porque as alternativas para fixar o homem à terra, são nenhuma e nada fazem os governantes para criá-las.

Não há como produzir a custo baixo na pobreza, impossível trazer tecnologia, para onde não se consegue erradicar doenças nem os remédios necessários à cura, ou plantar alimentos e não ter como escoar a produção.

A situação geográfica de nosso interior é perversa, isola o homem do próprio homem, a vazante e a enchente são igualmente prejudiciais, criando problemas diferentes. As doenças tropicais viajaram por todo o mundo africano, europeu e se fixaram na Amazônia.

Há quinhentos anos morrem pessoas atingidas pela malária nessa distante região do planeta; há pouco tempo o embrião do cólera grassou na Amazônia, a dengue assustou inclusive o Brasil, tornando-se uma calamidade pública terrível, com a morte de centenas de brasileiros.

O mundo tem uma cobiça indisfarçável pelas riquezas do solo, do subsolo, mas despreza o homem da Amazônia. Os governantes brasileiros, dão-nos a impressão de que, se os amazônidas fossem proibidos de votar, já teriam exterminado essa gente, para explorar com maior liberdade, as riquezas da Região Norte.

O mais recente trabalho de sucesso literário do sociólogo e professor Samuel Benchimol, surgiu em 1999, com a edição do livro *Amazônia Formação Social e Cultural*. A obra começou a ser pensada desde 1992, quando o mestre imaginou estender o estudo iniciado com os nordestinos do Ceará e ampliar o assunto por meio de uma grande pesquisa sobre todas as raças que contribuíram para a formação social e cultural da nossa história.

Abordando aspectos que envolvem desde os índios e caboclos, ele foi buscar espanhóis e galegos, italianos, árabes, ingleses, portugueses, alemães, judeus e outras raças, enriquecendo com informações sociais e humanas a nossa formação étnica.

Se o caboclo do Amazonas não fosse apegado ao chão do verde que sempre acena com alguma esperança para o seu

habitat na floresta, se não fosse ele um indomável guerreiro a plantar na vazante e ver o seu plantio alagado e destruído na enchente, e, ainda assim, teimoso, não arreda o pé do lugar que o castiga, nós teríamos hoje, não só o interior vazio, mas uma grande solidão na capital da Zona Franca, porque o amazonense seria o maior emigrante do Planeta.

SAMUEL ISAAC BENCHIMOL E AS ACADEMIAS

Ainda muito jovem conheci um grande incentivador das minhas incursões culturais, o amigo e filólogo, padre Raimundo Nonato Pinheiro Filho que, enquanto vivo, muitas vezes conversamos sobre grandes homens do Amazonas. Homens que mesmo a despeito de suas polimatias indiscutíveis, sábios e intelectuais da maior envergadura, não tiveram seus méritos reconhecidos em vida ou nem sempre têm sido citados como exemplos de virtude e grandeza para os mais jovens.

Alguns, dignos do maior respeito, permaneceram e outros ainda permanecem afastados da participação em homenagens, associações de grupos, pela própria formação da personalidade, pelo ímpeto contra as bajulações ou até mesmo por serem dotados de uma timidez maior que suas posturas de humildade.

Diversas vezes o padre Nonato Pinheiro, lúcido e grande imortal da Academia Amazonense de Letras, onde ingressou antes dos trinta anos, exímio vernaculista e poliglota a esgrimir com mais de quatro idiomas, dominando inclusive, com a envergadura dos deuses o Latim, já em desuso naquela época de 1980, disse-me que o importante para um homem não é ser um imortal a ingressar numa Academia sem merecê-la; o mais importante na vida de um intelectual é merecer a Academia, muito embora nela jamais ingresse. Ensinava o

inesquecível vermaculista amazonense, que basta ao próprio homem medir a sua dimensão intelectual, para se satisfazer e conter a luta pela conquista acadêmica interessante para todos, mas que nem sempre o destino a todos permite alcançar, principalmente os que não fazem da Academia o objetivo maior de suas incursões no rumo das letras.

Dessa estirpe, podemos citar muitos intelectuais do Amazonas, que não eram afetos às Academias e honrarias, como o desembargador Hamilton Mourão, amazonense de notória grandeza de caráter que, ao ser convidado pelo seu amigo Adamastor Lima, do Rio de Janeiro, para ingressar na Academia Brasileira de Direito como fundador, ao declinar do convite, fez a seguinte manifestação por escrito:

Eu, entretanto – que me conheço a mim mesmo e, contente com a modéstia em que vivo, não gosto de me pavonear, alardeando méritos que não possuo – digo-lhes, com sinceridade e franqueza, como dizem os crentes, à hora solene da comunhão: “ Domine, non sum dignus ” (não mereço a honra que me quer conferir). É que dando um rigoroso balanço no cabedal de meus conhecimentos jurídicos, cheguei à conclusão de que bem poderia repetir como o filósofo Sócrates: “ Só sei que não sei ”.

Outro amazonense arredo a homenagens e Academias é o amigo, empresário e intelectual Nathaniel Lemos Xavier de Albuquerque, residindo hoje no Rio de Janeiro. Trabalhei alguns anos com o Sr. Nathan e aprendi coisas fundamentais no mundo intelectual e empresarial na rede das 23 lojas de departamentos, comandada pela Moto-Importadora Ltda.

Da mesma forma convivi e trabalhei com o Dr. Sócrates Bomfim, na Siderama, e era ele, outro baluarte da nossa intelectualidade e da simplicidade humana. O Dr. Sócrates era um sábio que sempre afirmava estar concluindo o seu aprendizado no dia-a-dia. Nunca se empavonou ou declarava sapiência, esse estudioso incansável das coisas que dizem respeito à Amazônia.

Muito competente e simplório também é o jornalista, advogado e vitorioso empresário Phelippe Daou, que nem aceita ser chamado de intelectual. Fundador da Rede Amazônica de Rádio e Televisão com seu irmão Aloísio e o inseparável amigo de batente no jornalismo, Dr. Milton de Magalhães Cordeiro, Phelippe é um guerreiro quase anônimo da Região Amazônica.

O ilustre e abnegado mestre Armando dos Santos, decano da Associação Comercial e da Junta Comercial, ambas do Estado do Amazonas, exímio matemático, baluarte da língua portuguesa, consagrado contador e um dos mais profundos conhecedores da história dos municípios amazonenses e do Amazonas, personifica a simplicidade

no jeito de ser e estar. O professor Armando dos Santos tem representado as cores da região em várias comissões de estudos, e na criação da Refinaria de Manaus – REMAN, teve ele destacada atuação na função de competente executivo das empresas do grupo I. B. Sabbá & Cia. Ltda. fundadores da refinaria.

O professor, tributarista e festejado causídico Dr. Manoel Otávio Rodrigues de Souza, homem que sempre viveu enclausurado em seu gabinete de estudos e pesquisas jurídicas, se fizesse uma coletânea dos pareceres, das contestações processuais e peças exórdias, que já elaborou seria uma obra recebida no mundo jurídico, como um vade-mecum ou com a mesma dimensão que se dá no mundo livreiro a uma Enciclopédia.

Quem conhece o advogado e membro do Tribunal de Contas dos Municípios do Estado do Amazonas, hoje aposentado e também residindo no Rio de Janeiro, Dr. João Martins da Silva, colaborador emérito do SESC e do SENAC, de vários governadores do Estado do Amazonas, entre os quais destacamos o Dr. José Bernardino Lindoso, ministro Henock Reis e Danilo Duarte de Mattos Areosa, sabe da estirpe e do caráter desse português lúcido, vitorioso causídico e competente redator.

João Martins da Silva, casado com a professora Zenaide Azevedo Martins da Silva, além de íntimo amigo, chega a ter grau de parentesco comigo, posto que Zenaide é uma das irmãs de Maria do Carmo (Carminha), minha esposa.

Esse homem exemplar, que tanto colaborou na esfera pública e privada, dedicando parte de sua vida ao Estado do Amazonas desde a infância, com grande espírito público é o protótipo da simplicidade e da humildade, sob o manto de um gigantismo intelectual do maior respeito.

Nenhum dos intelectuais acima citados almejou, publicamente ou de forma reservada, o ingresso na Academia Amazonense de Letras, pelo menos até o final de 1999.

Em verdade, quando analisamos o comportamento de certos homens, vamos concordar, plenamente, com a beleza de definição feita pelo acadêmico Dom Alberto Gaudêncio Ramos ao expressar algumas palavras em homenagem ao seu colega da Academia Amazonense de Letras, imortal Péricles Moraes e que se encaixaria com perfeição a muitos deles. Disse Dom Alberto Ramos em discurso pronunciado naquele sodalício:

Alguns homens parecem árvores colossais que, à margem dos barrancos expandem as franças verdejantes, indiferentes ao aliciante e traiçoeiro abraço das águas que, ano a ano, as vêm cingir languidamente, levando ao retirar-se não só o polvilho protetor da epiderme, mas também a seiva do húmus que se acumulara pelos meandros das raízes.

O ilustre amazonólogo Samuel Isaac Benchimol, emérito professor catedrático da Universidade do Amazonas, onde leciona *Introdução à Amazônia* é hoje, o maior guerreiro e estrategista vivo, no combate à pirataria que infesta a Região Norte, contra os predadores da natureza amazônica. Sua imortalidade, está pois, na sua obra.

Se me fosse permitido parodiar o emérito Dom Alberto Gaudêncio Ramos eu afirmaria que Samuel Benchimol se assemelha a uma Sapopema frondosa, a proteger não só o húmus acumulado desde a formação geográfica da Amazônia, como é também um autêntico defensor de todas as suas raízes naturais e culturais, com teses internacionais conhecidas e respeitadas pelos mais destacados cientistas que se atrevem a falar dessa região sem conhecê-la.

Sem dúvida, ele passa de agora em diante a ser o motivo das atenções do autor dessa obra, como um dos mais profundos conhecedores da Amazônia, desde à biodiversidade até a mais débil raiz da mais envelhecida árvore frondosa de nossa floresta tropical. Aprendeu o mestre, com o sacrifício do suor e do sangue, sentindo as agruras do imenso e desconhecido interior, adquirindo experiência até mesmo através de doenças tropicais que enfrentou na infância, juntamente com toda a família.

Venceu pela dedicação ao estudo e pelo esforço, com muito sofrimento e trabalho, usando inteligência e cultura, tenacidade e coragem, fortalecendo suas raízes, amando a

nossa natureza, flora, fauna, o nosso povo, tornando-se um fascinado pelas riquezas do solo e subsolo que tanto divulgou no exterior.

Samuel Benchimol tem ministrado suas conferências, dissertando com magistral competência a nossa biodiversidade, contestando cientistas de renome, que malgrado seus esforços, referem-se à Amazônia com teses apoiadas no *achismo* universal, errando e tropeçando no cenário belíssimo de uma natureza doce, mas selvagem, encantada e cheia de mistérios capazes de fascinar humanos e desumanos.

Realmente, todos os cientistas do mundo deveriam ser obrigados a visitar a Amazônia e fazer um profundo estudo de sua natureza. Talvez se assim fosse, a nossa região não teria sido tão maculada com teorias criadas na esfera oposta à lógica da verdade científica.

Muitas das grandes Universidades internacionais, que investem por meio de alguns pesquisadores, com teorias e definições às avessas sobre a Amazônica, deveriam incluir no currículo desses cientistas, um estágio obrigatório *in loco*, através do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), do Instituto do Meio Ambiente (IBAMA) ou da própria Universidade do Amazonas.

Essa contribuição universal, avaliada pelo professor Samuel Benchimol em suas idéias de defesa da região seria um bom preço cobrado para indenizar o nosso

homem, mas estaria longe de ser o justo pagamento, pela tolerância e pelo sacrifício imposto, para preservar alimentos, animais e vegetais, enfrentando o risco de morrer de fome num interior tão rico pelo solo e subsolo .

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), a Organização das Nações Unidas (ONU), e outros organismos não-governamentais devem patrocinar esse comportamento de renúncia, destinando as verbas necessárias aos estudos, às pesquisas e programas de desenvolvimento sustentado, reduzindo os gastos com armamentos bélicos ou ações predatórias contra a humanidade, comandados pelas grandes potências.

Essa idéia foi explanada pelo professor em algumas de suas magistrais conferências. Esse grande estudioso e pesquisador brinca com os números das estatísticas (sempre duvidosas) e o faz com a mesma habilidade, com a qual o matemático Melo e Souza, o fabuloso Malba Tahan, o fez com a aritmética, quando contorceu os números na obra *O Homem que Calculava*, iludindo somas, divisões e multiplicações, para comprovar a sua agilidade mental.

Com experiência e muito cuidado nas pesquisas que promove, o professor tem mostrado a perversidade da arrecadação tributária na Região Amazônica, onde o Amazonas, ou essa sui gêneris Capital – Estado, a fascinante cidade de Manaus, vem contribuindo para a

Nação, a despeito de se dizer existir aqui um Paraíso Fiscal. Somos o filho pródigo com uma enorme honestidade fiscal, constantemente retaliados como filhos desprotegidos.

Estamos dando duas vezes ou mais o que recebemos de benefícios. O fato, por exemplo de mantermos a virgindade de nossa natureza, custa-nos um dos maiores sacrifícios impostos a uma Região pobre e sem assistência, onde o homem no seu *habitat* fica impedido de extrair o alimento para a sua sobrevivência. Morre o homem para a natureza não morrer, numa inversão da criação divina, posto que o homem foi criado para viver da natureza, desde o seu oxigênio. Se não cuidarmos, em breve, o homem será o único animal que poderá ser extinto na Região Amazônica.

No decorrer dos capítulos seguintes, numa homenagem justa a um dos maiores brasileiros do século XX, prosseguiremos explanando alguns pontos que nos permitem conhecer o destino que Deus traçou para a nossa região e outros caminhos percorridos pelo sábio Samuel Benchimol, para vencer na vida e colaborar na luta de tantos brasileiros que vivem na Amazônia.

Examinando mais algumas de suas obras, vamos conhecer melhor seus pensamentos e idéias sobre a preservação da Amazônia, embora nem sempre ele tenha alcançado sensibilizar os que nos ignoram por desconhecimento ou até mesmo para não nos deixar crescer. Ele discursa em

defesa da região, contra os que investem na intenção da conquista.

Há mais de cinco décadas, esse renomado professor catedrático de Ciências Sociais e de Introdução à Amazônia, da Universidade do Estado do Amazonas, vem denunciando o processo criminoso contra os direitos internacionais da Região Norte do Brasil, provando com argumentações, inteligentemente elaboradas, a falsidade e exagero das denúncias do desmatamento, da extinção da fauna e flora, mostrando que, os incentivos fiscais concedidos à Amazônia Ocidental, embora nos favoreçam, em verdade, o país e o mundo nos devem muito mais pelo que nos tiram.

Com estudos abalizados sobre a nossa economia desde o século XIX, o pesquisador Samuel Benchimol tem ajudado com a sua sagacidade de economista emérito, elaborando críticas sustentadas por argumentações incontestáveis, sobre o que se passa com nossas importações, exportações, volumes de vendas no mercado interno por meio da Zona Franca de Manaus, oferecendo um precioso diagnóstico da importância do modelo, não só para o Amazonas, mas para todo o país, numa contribuição à nossa balança comercial.

Nas diversas teorias sobre a biodiversidade o mestre tem ministrado aulas internacionais sobre a natureza Amazônica e as suas vicissitudes, deixando perplexos, aqueles que imaginam opinar, cientificamente, sobre o

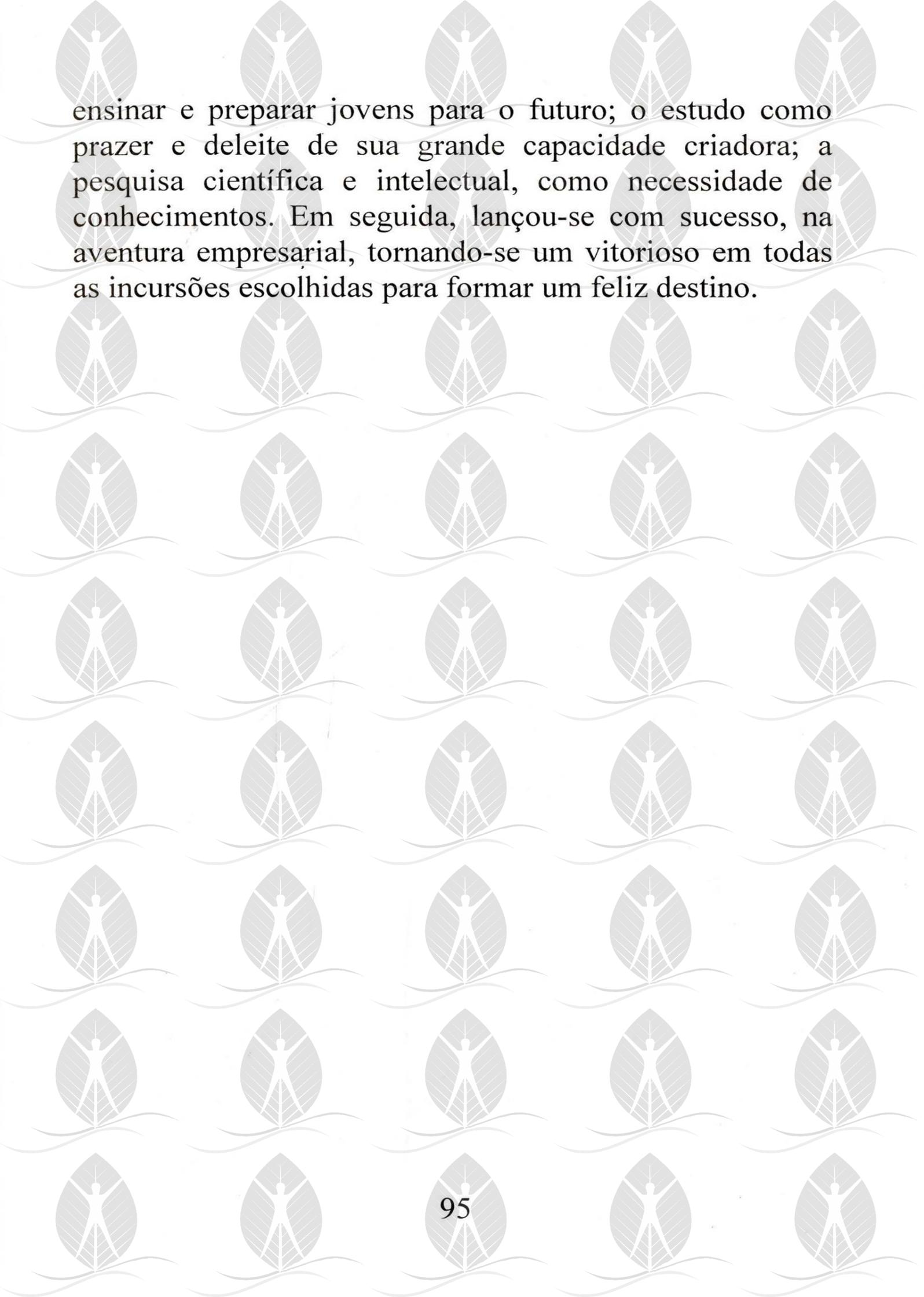
assunto, vislumbrando apenas a sua grandeza geográfica através de satélites ou informações teóricas e acadêmicas, sem se submeterem ao seu clima e desconhecendo-lhe a exuberante e misteriosa formação geográfica.

A Amazônia é capaz de surpreender até mesmo Deus, com seu esplendor natural, apesar de ter sido Ele o seu Criador. Bendito seja o professor Samuel Benchimol por ter nascido em Manaus, conhecer tantos mundos fantásticos e maravilhosos, mas ter escolhido esse paraíso verde do universo para cumprir o seu destino, vivendo e defendendo aqui e alhures a terra natal, onde é feliz, venceu e um dia morrerá, deixando viva a sua memória.

Essa é a verdadeira imortalidade que o homem constrói e usufrui, inclusive após desaparecer, ou seja, uma imensa obra para a eternidade e que não depende do ingresso em nenhuma Academia, para permanecer na História da Humanidade.

Apesar de formado em Direito não lhe foi dado por Deus, o dom de persistir nas searas da advocacia, nem lhe incendiou a vida, o prazer das lides jurídicas, para enfrentar essa inglória disputa entre a ofensa e a justiça, entre a influência do cargo e a capacidade jurídica, entre a dedicação aos livros dos grandes cientistas do Direito e os despachos lacônicos e frios de alguns juizes.

Samuel Benchimol na ausência desse fervor jurídico fez as seguintes opções de vida: o magistério como ideal de



ensinar e preparar jovens para o futuro; o estudo como prazer e deleite de sua grande capacidade criadora; a pesquisa científica e intelectual, como necessidade de conhecimentos. Em seguida, lançou-se com sucesso, na aventura empresarial, tornando-se um vitorioso em todas as incursões escolhidas para formar um feliz destino.

SAMUEL BENCHIMOL – UM ESTRATEGISTA

Impondo ao mundo uma notória respeitabilidade por meio de inúmeras teorias sobre as vicissitudes da Amazônia, abrangendo cientificamente, a geografia, antropologia, os costumes interioranos, onde discorre com a experiência de quem viveu todos os dramas do caboclo amazonense que está abandonado no seu *habitat*, o amazonólogo Samuel Benchimol tornou-se no século XX, o mais importante e ouvido conhecedor da economia da Amazônia, publicando obras, relatórios, estatísticas e ensaios incontestáveis pela precisão das colocações e seriedade das denúncias contra os que iludem a humanidade com teses falsas.

Sabedor de que os grandes investimentos só se implantam onde o homem está próximo da matéria-prima, dos mercados consumidores e exportadores, da tecnologia e da abundância de mão-de-obra barata ou das fontes energéticas que reduzem custos de produção, ele sempre defendeu os incentivos como arma indispensável para consolidar indústrias de porte na Região Amazônica, cujo perfil de crescimento não oferece outras alternativas mais eficientes.

Foi um dos primeiros amazônidas a entender e denunciar com muita propriedade, as razões indesmentíveis de que a Zona Franca de Manaus, modelo vitorioso e de sucesso mundial, beneficiou muito mais o país como um todo, ficando a nos dever mais do que os benefícios dados em

troca. E comprovou em suas pesquisas sobre o assunto, na obra *Amazônia/95- Paraíso do Fisco e Celeiro de Divisas*, publicada em março de 1996, como é feita e orquestrada essa perversidade fiscal, que ilude até mesmo a nós, vítimas dessa distorção.

Denuncia o pesquisador Benchimol que em 1995, o Estado do Amazonas contribuiu na esfera federal com uma arrecadação de US\$:969,7 milhões. No contexto regional, essa arrecadação significou 52,70% da arrecadação total da região Norte, enquanto o Pará ingressou com 30,39%. No que tange ao ICMS, o caso não mudou. Enquanto o Amazonas contribuiu com US\$:987,4 milhões; o Pará, recebeu US\$:686,8 milhões. Esse fenômeno não divulgado pelo fisco, vem ocorrendo desde a década de 1990, quando a região arrecadou de 1990 a 1995, um montante de US\$:15.735.324.279,00, como resultado das cobranças do fisco federal, estadual e previdenciário, incluindo-se o FGTS.

Inteligentemente, ele afirma que não pode haver renúncia fiscal, quando a produção seria igual a zero, se não houvesse os incentivos. Renúncia fiscal, para caracterizar o modelo Zona Franca é um jogo de palavras criado com a intenção de enfraquecer o nosso progresso.

Afirma o incansável estrategista e defensor da Zona Franca de Manaus, que a verdadeira renúncia fiscal brasileira, encontra-se nas bagagens dos passageiros brasileiros, que naquela época (1995) traziam anualmente

da *Ciudad del Leste*, no Paraguai, US\$:4 bilhões de mercadorias estrangeiras, representando no mínimo uma renúncia fiscal de US\$:2 bilhões. Ora, sem incentivos fiscais, sem indústria, sem produção e sem uso dos recursos naturais que poderiam gerar empregos e desenvolvimento social, isto sim, representa uma renúncia econômica sem preço.

Nas abalizadas colocações elencadas, o professor cita as alternativas válidas para o nosso desenvolvimento, todas elas dependentes da criação de novos benefícios e novas técnicas. Quanto ao ecoturismo, na sua avaliação seria válido como atividade agregada, pois representaria um dos segmentos a ser implantado, sem muita possibilidade de se tornar um propulsor dominante da nossa Economia.

Sem dúvida, o turismo tem sido um setor pouco avaliado pelos governantes do Norte, mesmo a despeito do nome Amazônia ser marca registrada e repetida na Europa, Estados Unidos e em quase todas as regiões do universo.

Apesar de discordar do emérito estudioso Samuel Benchimol, pois considero o turismo uma fonte de riqueza capaz de alavancar a economia de qualquer região em grandes percentuais, devo considerar entretanto, o fato de o turismo ser uma atividade a dar respostas de crescimento a longo prazo, principalmente na Amazônia, em virtude de não ter sido nunca uma preocupação de nossos governantes e empresários até bem pouco tempo.

O turismo no Estado do Amazonas carece de estruturas fundamentais para ser operacionalizado, mas será um segmento significativo e eu aposto nisso. Além do mais, a defesa de nossa soberania, a preservação do meio ambiente, preocupação dos ecologistas radicais, a chama de um patriotismo que vem perdendo o aquecimento, tem tudo para voltar a se inflamar com a prática racionalizada do turismo.

Os imigrantes do final do século XIX, os extrativistas do meado do século XX e os industriais da Zona Franca de Manaus, que se preparam para ingressar no terceiro milênio, sempre desprezaram o turismo como investimento, embora todos gostem de fazer turismo. Com algumas exceções no ramo hoteleiro, poucos empresários de peso investiram na criação de agências de turismo, enquanto outros vivem de costas para a importância internacional de nossa natureza.

Hoje, para substituir as vantagens da Zona Franca de Manaus, com um faturamento estimado entre US\$: 6 a US\$:8 milhões, o qual já chegou a US\$:10 milhões, o Amazonas necessitaria receber um fluxo entre 20 a 25 mil turistas por ano, o que na verdade não acontece e ainda está muito difícil chegarmos a essa realidade. Estamos lutando para receber pelo menos 10 mil, num esforço que envolve a prefeitura, o governo, a iniciativa privada e outras regiões da Amazônia, em parceria.

Após avaliar os números das exportações dos Estados da Amazônia, onde o Pará tornou-se o maior exportador nos últimos dez anos, graças à implantação de projetos de mineração e metalurgia, o professor mostra com números, o crescimento incontestável de nossas exportações globalizadas, transmitindo a todos nós uma possibilidade de aumentar ainda mais esses números.

Contra os que condenam a Zona Franca de Manaus sob a equivocada alegação de que a renúncia fiscal tem papel concentrador em Manaus, esvaziando a economia do interior (o que em parte é verdadeiro), o professor contesta sob o ponto de vista universal, onde não existe nenhuma região do mundo livre do êxodo rural, com a superpopulação das metrópoles sedes.

Aqui no Amazonas, temos organismos preocupados com o esvaziamento do interior, que não cessam a vigília, impedindo a devastação completa e o abandono total dos municípios amazonenses. É o caso por exemplo, da Federação da Agricultura, há muitos anos dirigida pelo abnegado amazônida Eurípedes Ferreira Lins e que se mais não faz, é porque apoio lhe negam e alguns interesses estranhos não permitem esse apoio.

Samuel Benchimol demonstra de forma corajosa e convincente os imaginários da viabilidade econômica da Amazônia, simplesmente alicerçada no ideário dos ecologistas radicais, preocupados com o *show* internacional da mídia, pretendendo transformar a região

num museu botânico, zoológico, antropológico ou num santuário para agasalhar a fome e a sede do mundo futuro.

Nas pesquisas elaboradas com profundidade no livro-denúncia intitulado *Amazônia 95 - Paraíso do Fisco e Celeiro de Divisas* ele apresenta números realísticos e capazes de comprovar como a região tem sido capaz de construir uma atividade agropecuária, florestal, mineral e industrial, geradora de receitas públicas jamais desprezíveis no cenário brasileiro. Afirmo o mestre, que o Estado do Pará representa um celeiro de divisas para o Banco Central com suas exportações, enquanto o Amazonas, muito ao contrário de ser um Éden Fiscal, transformou-se, incontestavelmente, num *paraíso do fisco*, revertendo-se a filosofia da renúncia numa realidade de arrecadação.

Em verdade, com o agravamento da crise econômica mundial, a globalização de todos os setores sob a orquestra das grandes nações, se atualizarmos os números do denunciante, vamos ter maior certeza de que ele está cheio de razões na sua grande lucidez em não aceitar críticas sem o desafio da contestação inteligente.

Talvez, porque o assunto é muito interessante do ponto de vista de nossa realidade, e certamente causaria remorso, decepção e constrangimento às articulações do Governo Federal e a alguns organismos interessados no atraso amazônico, duvido que alguma autoridade com poder de decisão e competência para nos apoiar, tenha se dado ao

trabalho de ler a obra do professor Samuel Benchimol, ou fez questão de levar em consideração, as verdades que o mestre expõe.

Os trabalhos e livros publicados pelo professor Samuel Benchimol chegam a 105 editados ao longo de mais de cinquenta anos de labor acadêmico e de pesquisas. Eles abrangem os mais variados aspectos da Amazônia sob o ponto de vista geográfico, econômico, social, político, antropológico e ambiental. No acompanhamento de sua obra, podemos confirmar a sua missão estratégica na defesa de uma região atingida, perigosamente, pela cobiça internacional.

SAMUEL BENCHIMOL E AS EXPORTAÇÕES DA AMAZÔNIA

O Estado do Amazonas já caminhou na dianteira das exportações brasileiras, mantendo uma supremacia inconfundível na época da *hévea brasiliense*, quando o mundo europeu passou a nos conhecer e influenciava a vida de nossa gente. Nossas exportações de goma elástica nas últimas décadas do século XIX e nas três primeiras décadas do XX, competiam com o café de São Paulo e enciumavam os demais estados brasileiros, sempre atentos ao nosso desenvolvimento distante.

Nos idos de 1900 a 1920 e até um pouco antes, quem visitasse a efervescente capital de Manaus, confundia-se com os traços modernos da arquitetura de uma metrópole que usava e abusava em suas construções, do estilo *art nouveau*. As mulheres, elegantemente vestidas e muito bem paramentadas, desfilavam com os modelos atualizados e lançados em Paris, Londres, Lisboa, Madrid, usando seda importada, leques de madripérola, perfumes franceses dos mais afamados, enquanto os homens não dispensavam o linho conhecido com o nome de H.J., cachimbos de cabo dourado, bengalas luxuosas, anéis de brilhantes e esnobavam com seus dólares depositados no Banco do Brasil, com uma agência instalada desde 1908, na cidade de Manaus. As mais famosas companhias teatrais do mundo europeu, exibiam-se para nosso gáudio, no Teatro Amazonas, ainda hoje, um dos mais belos do mundo.

Todo esse esplendor oriundo do fastígio da borracha, era exibido em forma de rotina, nos salões do Hotel Cassina, estabelecido na praça D. Pedro II, próximo da Av. 7 de Setembro, nas vizinhanças da sede da Prefeitura Municipal e onde existe também a sede da Assembléia Legislativa, que funciona por ali, há pouco mais de 20 anos. O Hotel Cassina agasalhava os intelectuais da época, os arrogantes e descuidados coronéis da borracha, artistas internacionais, autoridades brasileiras que nos visitavam e as mais exponenciais figuras.

A nossa hévea era usada em todas as indústrias de pneumáticos da Europa e dos Estados Unidos. Era tão fácil a circulação do dinheiro, que a totalidade dos ganhadores jamais imaginou que alguém espreitava tanto sucesso e trabalhava para miná-lo. Veio então a concorrência da Inglaterra, as produções da Malásia, Indonésia, Ceilão e de outros países e o apogeu começou a virar desespero, não permitindo jamais, a partir de 1934 em diante, que o mesmo retornasse por todo o século XX.

O fracasso atingiu o nosso comércio, o êxodo começou, as falências surgiram, a retirada de imigrantes era a ordem do dia e o amazonense amargou uma triste lição. Assim mesmo, ainda hoje não costuma por em prática algumas providências para não se repetir a incompetência ocorrida com a borracha, ou seja, continua inocente, confiante, bom, humilde e nunca desconfia de quem nos vem espionar para levar o que a natureza de Deus nos permitiu herdar. Nossa euforia, tem-nos castigado, repetidamente.

Ainda houve muita luta entre os anos de 1940 a 1960 para exportar os nossos produtos regionais. Passamos a viver do extrativismo graças a alguns empresários desprendidos e abnegados, como o Sr. Isaac Benayon Sabbá e outros de menor expressão no exterior. Mas com o êxodo rural programado politicamente e consagrado pelo abandono do interior do Amazonas, conseqüente da perda de sua cadeia produtiva, somos hoje forçados a importar de outros Estados, bens e produtos que podem constar da atividade produtiva do nosso caboclo.

Com a advento da Zona Franca de Manaus, por meio do Decreto-Lei nº 288, de 28 de fevereiro de 1967, renasceu a esperança de exportação de produtos fabricados, mas agora temos que enfrentar a globalização da economia, exigindo qualidade, preço internacional, competitividade, produtividade, que se estribam em tecnologia de ponta, só possível com grandes investimentos, muito capital e incentivo. E nós, aqui no Amazonas, temos muito pouco dessas qualidades empresariais. Quando atingimos um estágio, o mundo desenvolvido já abandonou o mesmo pelo estado obsoleto. Mas continuamos a ter um grande poder de exportação, como veremos agora com o mestre.

Analisando a exportação da Região Amazônica, sobre a qual o professor Samuel Benchimol fez um valioso trabalho apresentado no 49º Congresso Internacional de Americanistas, realizado em julho de 1997, em Quito, no Equador, afirma preliminarmente, o grande estudioso, na obra *Exportação da Amazônia Brasileira-1996/1995*, que

a atividade exportadora será infalivelmente a vocação e a saída para a produção da Amazônia, manifestada com sucesso desde os tempos coloniais, consagrada no período fastigioso da borracha, no extrativismo, e mantendo a mesma expectativa de desenvolvimento regional, com a Zona Franca.

Informa o mestre em seu estudo, que as exportações compactas dos nove Estados componentes da Amazônia, utilizando um aproveitamento racional e sustentável dos recursos florestais, minerais, animais, do solo e subsolo, promoveram um crescimento satisfatório e surpreendente, elevando essas exportações de US\$:546 milhões em 1983, para US\$:3,74 bilhões em 1996, significando um crescimento da ordem de 585%, em pouco mais de um decênio.

Não fossem os fatores adversos, de ordem nacional e internacional que sempre oferecem resistência a uma performance maior, como a queda de procura pelos nossos minérios, principalmente o ferro e o alumínio, as cotações e reduções nos preços internacionais e outros fatores adversos, contaminados pela burocracia dos órgãos e inibidos pela má vontade de alguns agentes, ainda teríamos conseguido números mais significativos.

Na sua obra, o pesquisador Samuel Benchimol preocupasse em formar um quadro sintético das exportações da Amazônia nos anos de 1995, 1996 e 1997, comprovando com números oficiais, que entre 1995 e 1996 houve um

aumento de 6,1%, sendo que a área mineral (bens metálicos e não metálicos), foi a principal fonte dessas exportações para o exterior. Ele condena tantas proibições desnecessárias, restrições ambientais, que conduzem a interpretações de fim do mundo, quando na verdade as espécies amazônicas não correm o risco de extinção, pela existência de matérias-primas, pois além do renascimento espontâneo dessas espécies, pode se fazer o manejo, adensamento e enriquecimento florestal, e ainda, a agrosilvicultura sustentável.

É por causa de homens como o emérito amazonólogo Samuel Benchimol e em virtude dessa proteção patrocinada por Deus na compensação de uma geografia desafiante e perversa, que tira a força da terra quando nela plantamos algo -e sacrifica a resistência do caboclo, quando lhe impõe um clima duro e insuportável, que a Amazônia fascina a todos aqueles que não compreendem como é possível aqui viver, vencer e ainda ter felicidade.

Queiram ou não os que nos espreitam com olhos de inimigos e conquistadores, diferentemente dos que deveriam se aproximar com as mãos espalmadas e cheias de sabedoria e compreensão para nos ajudar, a Amazônia vem se transformando em pólo de exportação, suprindo o mercado japonês, americano e de quase uma centena de países compradores dos produtos do Pará, Amazonas, Maranhão e outros estados brasileiros, incrementando o nosso desenvolvimento sustentado.

Malgrado a preocupação com a preservação da natureza, jamais esquecida na consciência do caboclo pela própria índole e instinto de sobrevivência (o interiorano é um apaixonado incorrigível pela natureza), temos hoje, o processo avançado da tecnologia e da ciência a nos ensinar.

O que se faz necessário na Amazônia, não é vigiar o homem no seu *habitat*, mesclado e envolvido com a natureza, mas o predador consciente, o espião determinado e protegido pela mídia, que finge uma paixão pela Amazônia, mascarado pela traição, transferindo criminosamente essa natureza para mundos mais progressistas, técnicos e preparados para nos substituir ou conquistar.

No estudo das exportações da Amazônia brasileira, no seu livro citado no início deste capítulo, o autor questiona com rigor e acerto, as dificuldades da pretendida Reforma Fiscal planejada pelo governo brasileiro, principalmente, se essa reforma transferir a incidência do IPI para o ICMS Federal, fazendo-se a cobrança do ICMS estadual no lugar de destino, ao invés de permanecer na fonte produtora como ocorre hoje.

Alerta o autor para o fato de que a extinção do IPI não tem apenas a desvantagem argüida pelos investidores da Zona Franca de Manaus, com a perda desse incentivo. Por ser o IPI um tributo de fácil arrecadação, não se revestir do princípio tributário da anuidade e não ter a rigidez do

ICMS em comparação com a flexibilidade de suas diferentes alíquotas, o Governo federal perderá um grande instrumento de política fiscal.

O Amazonas, diz o professor:

Está ameaçado de perder a atual cadeia produtiva industrial sem a contrapartida e certeza de uma nova era de desenvolvimento duradouro e sustentável.

Sem dúvida, para os que sabem e estudam o futuro do mundo, essa expectativa sombria é motivo para as mais profundas reflexões de nossa gente.

SAMUEL BENCHIMOL E O ÊXODO UNIVERSAL

O escritor Samuel Benchimol no livro *Amazônia: Um Pouco-Antes e Além-Depois*, editado em 1976, e, vinte e um anos mais tarde, com a obra *Eretz Amazônia – Os Judeus na Amazônia*, editada em 1998, comprovou a capacidade de esgotar com sabedoria e muita competência, alguns dos temas sociais que vivem acendendo as discussões acadêmicas.

Nem todos os sociólogos conseguiram definir com a mesma propriedade, o fenômeno do inevitável êxodo promovido pelo homem ao abandonar a terra natal, seu país, fugindo dos campos, para não morrer sem arriscar riquezas, partindo em busca da sobrevivência nas grandes metrópoles, a despeito da dor da separação homem-natureza-família. É uma síndrome que atinge o Planeta Terra nos dias de fome e desesperança.

Apoiado em estudos profundos sobre o êxodo judeu, e sendo membro da religião judaica no Amazonas, o grande pesquisador Samuel Isaac Benchimol, no seu magnífico trabalho exposto no livro *Eretz Amazônia – Os Judeus na Amazônia*, narra com emoção e tristeza a expulsão desse povo sofrido, da Ibéria para Marrocos, sob o poder dos reis de Espanha e Portugal, respectivamente em 1492 e 1496, culminando com toda a sorte de humilhações, constrangimentos, confisco de propriedades e massacres.

Nesse estudo ele conta a história da emigração dos judeus marroquinos para a Amazônia, a partir da emigração de mil famílias dos sefaradins, trazendo ao conhecimento de todos os interessados em saber sobre a epopéia, sofrimentos, humilhações, vitórias, alegrias e tristezas do seu povo, os mais emocionantes detalhes.

Na mesma linha de conhecimento, na obra *Amazônia – Um Pouco-Antes e Além-Depois* o autor nos dá informações fantásticas sobre os imigrantes do Nordeste brasileiro, por meio das pesquisas realizadas na convivência com os mesmos, quando nossos irmãos do Ceará invadiram a Amazônia em busca de trabalho e riqueza, desbravando os mais distantes municípios do Amazonas.

Atesta o estudioso pesquisador, que o cearense vive entre dois extremos: a esperança da chuva quando há seca, e, na felicidade da fartura, quando há inverno. Tudo porque para o nordestino o sertão é como se fosse a sua pátria e quando se movimenta em direção a outras regiões, contribui com maior eficiência do que os outros imigrantes, construindo uma unidade necessária, como elemento fundamental nos objetivos a serem atingidos.

Muitos desses imigrantes chegados na Amazônia, eram pessoas com alguma capacidade financeira, mas alguns nem sabiam porque vinham, a não ser por um incontido desejo de enriquecer com as oportunidades que surgissem.

Nos tempos áureos da borracha, a seringueira para os cearenses que chegavam ao Amazonas significava uma expectativa de sucesso econômico e ao mesmo tempo fascinava os aventureiros que nada tinham a perder com o êxodo. Abandonavam uma forma de sofrimento e ingressavam na aventura dos seringais do interior amazônico.

Na análise bem elaborada, o professor Samuel Benchimol, cautelosamente, não oferece números precisos dessa emigração nordestina ou mesmo da imigração na Amazônia, pois jamais se fez estatística sobre o assunto e no Brasil elas costumam ser mentirosas.

Nos dois ciclos da borracha é notório que muitos chegaram, outros partiram, alguns morreram, mas o estudioso professor, apesar de todo o esforço não se arrisca a dar números precisos, informando apenas que em 1942, chegou a tomar conhecimento por meio de um memorial de Dorneles Câmara, que no período de 1877 a 1900, um número equivalente a 158.125 nordestinos havia chegado à Amazônia.

O trabalho de Dorneles Câmara foi publicado em 1919, sob o título *Colocação no Amazonas dos Flagelados do Nordeste* e entre as informações de sua valiosa pesquisa, consta que em 1900, a população cearense havia sido reduzida aproximadamente, em trezentas mil pessoas, entre os que emigraram e os falecidos. Esse fenômeno tem sido uma rotina ainda hoje, no final do século XX.

Outro estudo interessante citado pelo professor Samuel é o de Artur Dias no livro *Brasil Atual* informando que entre os anos de 1877 a 1889 o êxodo rural para o Norte e para o Sul, era assustador, quando, aproximadamente, 150.000 pessoas emigraram do Ceará, para fugir das calamidades da seca. Outros estudos são relatados pelo emérito pesquisador, todos apontando as mesmas causas, denunciando o flagelo nordestino como fonte de fuga.

No seu meticoloso estudo ele teve a feliz iniciativa de guardar as entrevistas que realizou com os cearenses aportados em Manaus, e pôde com essa providência, tomar conhecimento das agruras do sertão, catalogando a forma de se expressar daquela gente humilde e espontânea. Tomou contato com a gíria, com os termos próprios do sertanejo, sua forma de ser autêntica, valente, patriótica e sonhadora.

Na obra *Amazônia – Um Pouco-Antes e Além-Depois*, o autor descreve com paciência e carinho, muitas dessas entrevistas, narrando os sonhos e as esperanças de cada entrevistado, tomando conhecimento dos verdadeiros motivos de sua migração para o paraíso amazônico. Em nenhum momento alguns desses imigrantes permitiram vislumbrar em suas palavras, algum envolvimento com outro tipo de fuga, que não fosse a do sofrimento das secas e pela falta de esperança de melhores dias em seu Nordeste. Todos eles confiavam na Amazônia e na oportunidade de vencer pelo trabalho e pela dedicação à terra das seringueiras.

De tudo o que se constituiu em motivo de busca para encontrar trabalho e vida na Amazônia, o professor Samuel Benchimol catalogou confissões emocionantes nos depoimentos desses nordestinos. Alegações por exemplo, de que *é bom trabalhar com liberdade, sem inquisição; vim porque a cidade está cheia de retirantes por causa da seca; o ganho é muito pouco por lá; e muitas outras afirmativas, enriqueceram o seu trabalho.*

Na obra citada, ele consegue mostrar o drama comovente do nordestino. Adverte para o fato de ser a dispersão do povo do Nordeste, tangido pela calamidade da seca - o maior drama humano da história social brasileira. E o pior de tudo é que estamos no ano 2000, iniciando a caminhada para o terceiro milênio e esse drama continua a sacrificar os nossos irmãos nordestinos.

Continuam a emigrar, transformando o Sul do país num verdadeiro celeiro de retirantes, onde muitos são decepcionados e derrotados pelo antagonismo social entre o inocência do sertão e a malícia da metrópole insensível, com seus arranha-céus, edifícios modernos e gigantescos, assustando os sonhos dos que chegam.

São Paulo, nessa perversidade imigratória representa para os nordestinos em toda a região, o que a Amazônia representava para os cearenses no fastígio da borracha - esperança, oportunidade de emprego, desejo de vencer e o agasalho para fugir do flagelo da seca.

Hoje, nesse final de século, a população de São Paulo começa a ser mesclada com o nordestino da mesma forma como o foi a Região Norte no começo do mesmo século.

Sobre o conhecimento científico da Amazônia, quando Samuel Benchimol esteve na cidade de Recife, pela Fundação Joaquim Nabuco, proferindo uma conferência sobre o trópico umidamente amazônico, tema anteriormente debatido pelo ilustre cientista Henrique Bergamin Filho, ele empolgou os pernambucanos que o assistiram. Sobre o fato, o internacional sociólogo de Pernambuco professor Gilberto Freyre, escreveu em 17 de setembro de 1981:

Amoroso da Amazônia e, através desse amor, esclarecido, seu analista, seu estudioso, seu intérprete: Samuel Benchimol. Quem, em qualquer tempo, maior conhecedor da Amazônia brasileira, considerada nos seus aspectos sócioeconômicos! Quem mais amazonófilo? Quem, ao mesmo tempo mais objetivo, mais científico, mais idôneo, no seu conjunto de saberes sobre a Amazônia? Quem mais singularmente plural sem que sua pluralidade signifique diletantismo? Quem mais lucidamente didático, na irradiação dos seus saberes?

Também poeta, Samuel Benchimol, para surpresa dos que não sabem, chegou a escrever nos anos de 1942 a 1945, alguns poemas e hai-kais, mas, infelizmente, tem-se apenas notícias sobre o assunto, não deixando de ser um

fato lamentável do ponto de vista cultural e histórico, interrompendo o nosso deleite, e não nos deixando conhecer mais essa faceta do sábio amazônico.

Ele chegou a dar um título ao seu glossário de poemas com o nome, essencialmente poético, de *Versos dos Verdes Anos*, mas a obra não veio à lume.

Conseguimos obter apenas um desses versos dessa fase poética do autor, o qual abaixo transcrevemos:

*Sol poente, lua minguante...
Fogo de amor quase morrendo
à espera de uma nova estrela*

O único poema de sua autoria por ele publicado, foi no livro *Romanceiro da Borracha*, saudando a memória dos soldados da borracha:

*No começo e fim desta histórica estória
- ninguém arrecorda
- ninguém chora
- ninguém condecora
- ninguém comemora
o humilde e anônimo soldado da selva
sem sol e sem farda
que morreu de beri-beri, de sezão,
de fome e de solidão
Nos confins dos seringais do sem fim.*

Sem direito a toque de silêncio e enterro de herói

- *sem nome*
- *sem número*
- *sem memória*
- *sem monumentos*

na pira da tumba do soldado desconhecido

Tenho consciência, de que muita coisa ficou ainda por dizer diante da grandeza desses dois amazonenses exemplares – Mário Ypiranga Monteiro e Samuel Isaac Benchimol – mas, é preciso alguém ter a dignidade de dar o ponto de partida, para reconhecer méritos e homenagear aqueles, que se dedicam a várias causas sem medir sacrifícios e sem aguardar a gratidão dos beneficiários.

Que o meu trabalho modesto sirva de modelo, para que outros, verdadeiros críticos literários, párem de enaltecer estrangeiros e alienígenas, a fim de que a cultura do Amazonas possa também receber os lauréis devidos, e que todos nós juntos sejamos capazes de expurgar de nossos corações, sentimentos negativos uns contra os outros.



sociólogo, ambos nomes dignos e eminentes que, parece-me, bem mereceram o gesto de Justiça e simpatia de Antonaccio. Poucas vezes tenho sabido de gestos tão espontâneos e generosos como os deste ensaísta. Dizendo-se antigo aluno dos professores estudados, deles tendo recebido estímulo e atenções, resolveu retribuir o recebido escrevendo sobre a vida e obra de Ypiranga Monteiro e Benchimol e o fez de maneira entusiástica, por vezes um tanto esparramada e hiperbólica; outras, um tanto repetitiva, mas sempre com os olhos no alto. Triste do homem que, podendo olhar para as estrelas no céu, prefere, estupidamente, olhar para a lama que se espalha pelo chão! Antonaccio olha apenas para o alto, não vê defeitos em ninguém e está sempre pronto para louvar e exaltar os méritos alheios. Bem haja. Ypiranga, mais preso ao regional, e Benchimol, pelas próprias origens étnicas, com maior visão do universal, são, com efeito, vultos exponenciais da cultura do grande Estado, ambos amando enternecidamente a terra onde nasceram e, presos pela escravizadora força telúrica, jamais quiseram dela sair, logrando, kantianamente, partir do local para o universal e assim permanecendo em um enleador *con-vivere* com a gleba nativa. Regionais sem o ranço do regionalismo ridículo que costuma dominar os círculos muito fechados, Ypiranga e Benchimol, como outros representantes da *intelligentsia* daquela parte do meu Brasil mais do que amado, como Werk, Bacellar, Diniz de Carvalho, entre nomes ilustres que no momento me não ocorrem, amarrados ao fascínio da jungla amazônica, dela não se separaram jamais. O regionalismo assusta-me pelo que tem de cego, deletério, estreito e parcial e, nacionalista convicto, acreditando em um grande Brasil coeso no qual as regiões fossem tão somente partícipes de uma Civilização Brasileira, como desejava um dos mais brilhantes pensadores e ideólogos já nascidos em nosso território, Plínio Salgado, o artista superior de *O Estrangeiro*, não deixo de elogiar regionalistas com a visão do universal como os citados no correr destas linhas e louvo, ainda, o regionalismo moderado e felizmente! não me-ufanista de Gaitano em tantos bons livros.

Em *Duas Águias no Paraíso Amazônico*, justiça e bondade, em raro momento de união, se dão as mãos. Sei que o autor não visou nada além de exaltar os seus mestres (que tenho, também, o prazer de admirar à distância), mas que o seu exemplo de nobreza seja *com-preendido* na sua inteireza, admirado e, quem sabe mesmo, imitado. É o mais retumbante *não* (este feio *non* de que o barroco Pe. Vieira dizia não ter começo nem fim!) jamais lançado por ali contra as mesquinhas, as pequenidades, os ciuinhos dengosos e maricas dos pseudo-intelectuais, que se recusam a aceitar que o outro tenha méritos, seja ele quem for. E a *Civilisation de l' Universel* senhoria é construída com a pedra que todos colocam no grande edifício e, com o seu sentimento de justiça e bondade, Antonaccio tem lugar marcado nessa construção.

Professor Dr. Dr. Newton Sabbá Guimarães -
Da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná

Da Academia Amazonense de Letras
Ilha da Magia, Florianópolis SC, Primavera de 1999

A nova ordem tributária deverá ser, ao final, um instrumento de expansão e do desenvolvimento de todas as regiões do país, e deverá amparar aquelas áreas mais carentes e desprovidas de infra-estrutura de serviços públicos, que em todo o mundo recebem tratamento fiscal mais generoso. Em nome dessa justiça social, a Zona Franca de Manaus, bem como a Suframa, a Sudam, e a Sudene devem ser preservadas nesse novo pacto federativo que se anuncia. Por esse motivo, a atual **guerra fiscal**, desencadeada entre os Estados Brasileiros, inclusive São Paulo, procurando atrair investimentos e empreendimentos, mediante redução e prorrogação de pagamento do ICMS e financiamento a longo prazo; a juros subsidiados, constituem a mais nova ameaça para a Zona Franca de Manaus e para as regiões subdesenvolvidas, pois os seus incentivos fiscais serão neutralizados pela **guerra fiscal** dos Estados mais ricos e poderosos do centro-sul. (Samuel Benchimol, in **Zona Franca de Manaus: Pólo de Desenvolvimento Industrial**).

Tornou-se lugar comum admitir-se tudo quanto Manaus possui de bonito e de moderno ao governador dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro. Esse processo de julgamento distorce a imagem de administrações provinciais e obscurece igualmente a paisagem progressista de Manaus no tempo da monarquia. Não se pode deixar de levar em conta que a Província está na órbita da História quando se deseja formular uma opinião decisória. Precisamente é durante o período pós-colonial que têm início as tentativas bem-sucedidas de melhorar a fisionomia da chamada **urbes aquática**. Essas tentativas se tornam realmente melhores quando ao Amazonas é dada a condição de governar-se, isto é, passa à condição de Província autônoma, pois, enquanto esteve sob a tutela do Pará, nada foi realizado em proveito, tirante o governo dinâmico do dr. Manoel da Gama Lobo D'Almada, um homem de visão que por isso mesmo foi impedido de trabalhar. (Mário Ypiranga Monteiro, in **Negritude & Modernidade**).



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA